

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO



1290002727



FE
TCC/UNICAMP P419L

**A LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO DE
LEITORES – APRENDIZAGENS DE UMA
PROFESSORA**

Daniela Aparecida Olivo Perissinotto

CAMPINAS

2005

UNICAMP

TCA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

**A LITERATURA INFANTIL NA FORMAÇÃO DE
LEITORES – APRENDIZAGENS DE UMA
PROFESSORA**

Daniela Aparecida Olivo Perissinotto

Trabalho para conclusão de curso de graduação
– Pedagogia – sob a orientação do Prof.
Ezequiel Theodoro da Silva.

CAMPINAS
2005

UNIDADE	FE
Nº CHAMADA	12312006
TÍTULO	
V...	
TOR	2424
PRE	12312006
C...	X
PREC	
DATA	24 03, 06
Nº CPE	3-123

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

P419L Perissinotto, Daniela Aparecida Olivo.
A literatura infantil na formação de leitores : aprendizagens de uma professora / Daniela Aparecida Olivo Perissinotto. -- Campinas, SP : [s.n.], 2005.

Orientadores : Ezequiel Theodoro da Silva.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Leitura. 2. Prazer. 3. Leitores – Formação. I. Silva, Ezequiel Theodoro. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

05-270-BFE

o

Dedico este trabalho a todos aqueles que permitem lutar, buscar, transformar e que não medem esforços para construir uma história mais participativa e democrática.

*"Tua caminhada ainda não terminou....
A realidade te acolhe
dizendo que pela frente
o horizonte da vida necessita
de tuas palavras
e do teu silêncio.*

*Se amanhã sentires saudades,
lembra-te da fantasia e
sonha com tua próxima vitória.
Vitória que todas as armas do mundo
jamais conseguirão obter,
porque é uma vitória que surge da paz
e não do ressentimento.*

*É certo que irás encontrar situações
tempestuosas novamente,
mas haverá de ver sempre
o lado bom da chuva que cai
e não a faceta do raio que destrói.*

*Tu és jovem.
Atender a quem te chama é belo,
lutar por quem te rejeita
é quase chegar a perfeição.
A juventude precisa de sonhos
e se nutrir de lembranças,
assim como o leito dos rios
precisa da água que rola
e o coração necessita de afeto.*

*Não faças do amanhã
o sinónimo de nunca,
nem o ontem te seja o mesmo
que nunca mais.
Teus passos ficaram.
Olhes para trás...
mas vá em frente
pois há muitos que precisam
que chegues para poderem seguir-te."*

Charles Chaplin

AGRADECIMENTOS

Quero, em primeiro lugar, expressar o meu sincero agradecimento a Deus, que nos momentos de tristezas, dúvidas e certezas esteve sempre presente em toda essa caminhada.

Ao meu orientador Prof. Ezequiel Theodoro da Silva, pela dedicação e constante estímulo com que me orientou neste trabalho.

A professora Norma Sandra de Almeida Ferreira, minha segunda leitora, pelas orientações.

A minha família, que compartilhou comigo mais uma etapa de minha vida.

Aos amigos, em especial Darci e Sônia Rossi, que sempre confiaram e estiveram prontos para me ouvir e me ajudar de modo que eu conseguisse ter sucesso nesta caminhada.

Aos meus amigos Valdirene, Giovana, Leila e Robson que durante esses quatro anos sempre me deram força para continuar minha caminhada, superando os obstáculos.

A uma pessoa muito especial, que pelo destino não pode me acompanhar nesta caminhada, mas, tenho certeza, que torce muito para meu sucesso.

E a todos aqueles que me incentivaram e me apoiaram com palavras de entusiasmo e credibilidade, obrigado... obrigado... obrigado.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA.....	i
EPÍGRAFE.....	ii
AGRADECIMENTO.....	iii
SUMÁRIO.....	iv
INTRODUÇÃO.....	1
I. AS DUAS REALIDADES ESCOLARES – DESCRIÇÃO.....	3
1. Escola A – EMEF Vale Verde.....	3
1.1. Proposta Pedagógica.....	4
1.2. Organização das Atividades Pedagógicas.....	5
1.3. Acompanhamento e Avaliação do Processo Ensino e Aprendizagem....	5
1.4. Projeto Biblioteca.....	6
1.5. O Trabalho com a Biblioteca da Escola.....	7
2. Escola B – Centro Educacional SESI 234.....	8
2.1. Proposta Pedagógica.....	10
2.2. Diagnóstico Escolar.....	10
2.3. Currículo.....	11
2.4. Avaliação.....	12
2.5. Projeto Biblioteca.....	13
2.6. O Trabalho com a Biblioteca da Escola.....	13
3. Cotejo entre as duas realidades escolares.....	14
II. QUADRO TEÓRICO.....	16
1. Concepções de leitura.....	16
2. A leitura prazer.....	18
3. A escola e a promoção da leitura: algumas funções.....	20
4. O papel do professor na promoção da leitura.....	21
III. ATIVIDADES PLANEJADAS E IMPLEMENTADAS.....	24
1. Escola A.....	24
2. Escola B.....	39
3. Comparação dos Resultados nas duas Escolas.....	54
IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
V. RECOMENDAÇÕES.....	59
VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	61

ANEXOS

ANEXO 1 – ATIVIDADES DESENVOLVIDAS – HISTÓRIA EM QUADRINHOS.....	63
Trabalhando com Fábulas de Esopo – “A Coruja e a Águia”	
1. Escola A.....	63
2. Escola B.....	64
Trabalhando com o Livro: “A Margarida Friorenta”	
1. Escola A.....	65
2. Escola B.....	68
Trabalhando com o Livro: “Meu nome é Gato”	
1. Escola A.....	71
2. Escola B.....	72
Trabalhando com o Livro: “Uma Família parecida com a da Gente”	
1. Escola A.....	73
Trabalhando os conflitos: Coleção: “As diferenças, Sentimentos do Coração, Apelidos, Sentimentos	
2. Escola B.....	74
ANEXO 2 – FOTOS.....	88
Teatro: “O coelhinho que não era de Páscoa” – Ruth Rocha	
1. Escola A.....	88
2. Escola B.....	91
Teatro: “A Margarida Friorenta” – Fernanda Lopes de Almeida	
1. Escola A.....	94

INTRODUÇÃO

Nasci em 8 de novembro de 1968 na cidade de Valinhos, estado de São Paulo. Por ter sido uma criança que adorava “brincar de escolinha”, foi óbvio o meu caminho: ser professora com muito orgulho!

Passei pelo Ensino Fundamental entre 1975 e 1983 no SESI, entidade mantida pelas indústrias; no Ensino Médio, como era o meu desejo, fui para o Colégio Ave Maria cursar o Magistério.

Formada em 1987, já saí à procura de emprego, cadastrando-me nas escolas estaduais e, em abril de 1988, fui chamada para trabalhar como professora eventual em uma escola localizada na zona rural de Valinhos. Era uma classe multisseriada, com crianças que moravam distante da escola.

Quanto aprendi! Apesar das dificuldades, identifiquei-me tanto com a escola que, mesmo tendo chance de trabalhar mais próximo de casa, fiquei lá durante cinco anos.

Em 1993 ocorreu algo muito especial: lecionar na instituição em que cursei o Ensino Fundamental. Comecei trabalhando com ensino supletivo que depois passou a ser educação de jovens e adultos. Por vários benefícios, as empresas conveneram-se com o SESI para cursos em suas dependências. Fui para a CEVAL (avícola em Valinhos) por seis meses; depois, passei três anos na Campineira de Alimentos (Triunfo / Danone); e no SESI 403 em Campinas.

Trabalhar com jovens e adultos foi muito gratificante e importante para o meu aprendizado.

Em 1999 pedi transferência para Valinhos e passei a trabalhar com o Ensino Fundamental no SESI 234, onde estou até hoje.

Retomando a minha experiência como professora em escola estadual, em 1998 houve a municipalização do ensino em Valinhos e eu perdi minha sala. Prestei o concurso da Prefeitura e aguardei a chamada que aconteceu em 2002, quando voltei a lecionar numa escola da zona rural, na qual também estou até hoje.

Atualmente, trabalho em duas escolas com o 2º ano do Ciclo I. Face à localização destas escolas, convivo com duas realidades diferentes em virtude da classe social das famílias. Há crianças que lêem por prazer, estimuladas ou

seguindo exemplos de familiares que gostam de ler. Outras crianças, que vivem em ambientes menos estimuladores, acabam lendo apenas o que a escola oferece e “por obrigação”.

Pelo que já trabalhei com diferentes realidades e pelas muitas experiências vividas, percebo que nós, professores, estamos longe de formar alunos leitores, com o devido prazer pela leitura, principalmente por obras literárias.

Há os que sabem ler palavras, frases, mas nem sempre conseguem compreender o que estão lendo, o que os leva a afirmar que não gostam de ler, preferindo as atividades que não envolvam práticas de leitura.

Também é freqüente a afirmação de que um número considerável de crianças apresenta aversão aos livros, visto que quando a escola oferece atividades envolvendo a leitura, elas demonstram desinteresse ou não conseguem fazer o que é proposto.

O livro dentro da sala de aula é encarado como objeto para preencher o tempo entre um exercício e outro, ficando a verdadeira leitura relegada a um plano secundário.

Partindo destas constatações e vivências como professora de duas escolas na cidade de Valinhos (SP), pretendo, neste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), buscar subsídios para melhor organizar e conduzir as minhas ações pedagógicas na esfera da promoção de leitura junto a alunos das séries iniciais. Nessa busca, além de revelar detalhes das realidades onde trabalho e das condições ali existentes, pretendo enfatizar a chamada “leitura prazer”, planejando unidades para o seu desenvolvimento e verificando os seus efeitos junto aos alunos.

Convém destacar ainda que o interesse maior pelo tema do TCC tem origem na minha crença de que fruição da literatura, condição primeira da leitura prazer, deve ter um lugar privilegiado na vida de todos os cidadãos.

I. AS DUAS REALIDADES ESCOLARES - DESCRIÇÃO

1. Escola A – EMEF Vale Verde

A escola localiza-se na rua Minoro Toyoda, nº 210, bairro Vale Verde, Valinhos – São Paulo. Tem como entidade mantenedora a Prefeitura do Município de Valinhos.

A escola oferece o curso de Ensino Fundamental que está dividido em dois ciclos: Ciclo I (Níveis 1 e 2) e Ciclo II (Níveis 3 e 4). Sua carga horária anual é de 800 horas, distribuídas por um mínimo de duzentos dias letivos.

O horário de funcionamento da escola é das 7:20 às 11:20 horas.

A escola possui 5 salas de aula, sendo 1 sala cedida à EMEI; possui sala de professores, sala de direção e coordenação, secretaria, sala de atendimento médico, dispensa, cozinha, refeitório, almoxarifado, 1 sanitário de funcionários, 2 sanitários de alunos (masculino), 2 sanitários de alunos (feminino) e uma biblioteca adaptada (sala de espera).

No Bairro onde a escola está inserida existem chácaras de lazer e recreação, utilizadas geralmente pelos proprietários nos finais de semana. Os alunos, em sua maioria, são filhos de caseiros e trabalhadores rurais e alguns alunos moram no Bairro Morro das Pedras.

A renda familiar está entre 1 a 4 salários mínimos, mas a concentração é na faixa entre 1 e 2.

Muitas famílias migram para outros locais por causa do desemprego durante o ano, provocando uma rotatividade na clientela.

A maioria dos pais ou responsáveis possui o ensino fundamental incompleto.

A maior parte das casas dos alunos é de alvenaria.

O Bairro possui um mini-mercado, uma padaria e uma pequena mercearia.

O atendimento médico é precário; não há posto médico no bairro, sendo este realizado a mais de 10 Km.

Nas reuniões de pais foram aplicados questionários, verificando-se que as expectativas educacionais dos pais em relação a escola são:

- Que os filhos aprendam a ler e a escrever;

- Sejam educados na integridade para a vida;
- Tenham um bom ensino, mais recreação e lazer;
- Tenham uma educação qualificada.

A missão da escola é "oferecer um ensino de qualidade para que o aluno possa ser crítico e participativo, capaz de exercer sua cidadania".

Os objetivos da escola são:

- Valorizar as experiências extra-escolares;
- Garantir o acesso e a permanência do aluno na escola;
- Assegurar a formação e competência indispensáveis para o exercício da cidadania;
- Formar cidadãos críticos e reflexivos, capazes de pensar, agir e integrar-se em sua realidade;
- Incentivar a pesquisa;
- Conscientizar a comunidade escolar sobre a importância do meio ambiente;
- Respeitar e atender as diferenças individuais entre os alunos;
- Oferecer um ambiente propício ao bem estar dos professores, dos alunos e de todos os funcionários.

1.1. Proposta Pedagógica

A EMEF Vale Verde tem sua atuação educacional fundamentada na Lei de Diretrizes e Bases 9394/96 e na Proposta da Rede Municipal de Ensino Fundamental e tem por finalidade promover o ensino inspirado nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade. Visa o pleno desenvolvimento do aluno e o seu preparo para o exercício da cidadania, sendo capaz de tomar iniciativas, assumir escolhas, enfrentar mudanças, etc.

A educação não se reduz à transmissão de conteúdos. Da maneira como a concebemos, é um processo de formação, que se realiza a partir de experiências vividas pelos sujeitos nos diversos espaços educativos a que têm acesso (família, escola, grupos de convivência, etc), na interação com o mundo e com as pessoas.

O processo de ensino e aprendizagem concretiza-se nas relações entre alunos, objetos de conhecimento e professor, tendo como elemento central a construção de significados. A construção de significados pelo aluno não depende só

de seus processos cognitivos, mas também de motivações e expectativas de seus professores e de si mesmo.

O planejamento dos conteúdos a serem desenvolvidos é elaborado após sondagem inicial da clientela escolar. Esse trabalho é realizado pelo grupo docente através da troca de experiências, para superar as necessidades encontradas e como forma de conhecimento do trabalho realizado no ano anterior.

1.2. Organização das atividades pedagógicas

Por considerar o aluno como sujeito ativo, a escola prioriza processos pedagógicos que incentivem a curiosidade, possibilitem a troca de informações e o instrumentalizem para usufruir de fontes de conhecimento.

As atividades têm o objetivo de fazer o aluno pensar, refletir, criar, questionar, permitindo-lhe sempre novos desafios e novas experiências.

Estas atividades são realizadas através de trabalhos em grupos, individual, projetos de estudo do meio e passeios.

A escola também participa de projetos incentivados pela Secretaria de Educação como, "Semana da Água", Trânsito. Além de trabalhar outros promovidos pela própria Unidade Escolar (biblioteca e outros projetos didáticos), visando suprir as necessidades evidenciadas.

1.3. Acompanhamento e avaliação do processo ensino e aprendizagem

A avaliação é interpretada como meio pelo qual se torna possível verificar se o processo de ensino aprendizagem é satisfatório e quais pontos precisam ser alterados para que sejam alcançados os objetivos propostos.

O processo de avaliação está baseado nos princípios gerais da Lei 9394/96, nos artigos 40 e 44 do Regime Comum das Escolas Municipais de Ensino Fundamental e na Proposta Pedagógica do Município.

A avaliação do aluno é contínua e diária, possibilitando que ele seja avaliado como um todo. Para esta avaliação, são utilizados exercícios escritos, observações diárias, exercícios orais, participação, motivação, assiduidade, pontualidade e organização.

O desenvolvimento das atividades é acompanhado bimestralmente pelos pais do Conselho de Escola em reunião com professores, coordenadora, diretora, alunos representantes de sala e funcionários.

A escola conta com a recuperação contínua, desenvolvida pelos professores nas aulas através de intervenções imediatas, dirigidas às dificuldades específicas e com a paralela através do Projeto Reforço ao longo do ano letivo e em horário oposto ao das aulas regulares.

1.4. Projeto Biblioteca

Justificativa

O Projeto Biblioteca surgiu da necessidade de atender os alunos da escola para abrir perspectivas de melhoria da qualidade de ensino e, sobretudo, de forma mais ampla, permitir o contato escola-comunidade e ainda poder corresponder à necessidade de alunos que já passaram pela escola e que necessitam fazer pesquisas, já que o bairro é distante da cidade.

Objetivos

- Conhecer como uma biblioteca é formada e sua importância;
- Desenvolver a responsabilidade sobre a organização, manutenção e valorização da biblioteca;
- Utilizar o acervo de forma abrangente;
- Colaborar e preservar o patrimônio público;
- Desenvolver a responsabilidade para cuidar do livro escolhido e se comprometer a cumprir o prazo determinado pela escola.

Ações

- Retirada das estantes da direção e transportar para ante-sala;
- Visita à biblioteca municipal;
- Orientação da bibliotecária;
- Abertura de livros para o tombamento do acervo e para a retirada do material da biblioteca pela comunidade;
- Deslocamento dos livros das salas de aula, secretaria e sala de professores;
- Organização com fitas adesivas coloridas.

Procedimentos

- Enviar comunicado aos pais e comunidade, informando sobre o projeto biblioteca e como será seu funcionamento para os alunos e comunidade;
- Debater com os alunos sobre a importância da organização e da conservação dos livros enquanto material que informa e forma nosso conhecimento.

Obs.: As professoras são responsáveis pelo empréstimo de livros de histórias.

1.5. O trabalho com a Biblioteca da Escola

A visita à biblioteca acontece normalmente às sextas-feiras, no início do período, logo após a entrada das crianças na escola.

Primeiramente, são levados até a biblioteca que se localiza no corredor, e mostrada a sua organização. Os livros são separados por níveis através de etiquetas coloridas fixadas neles e nas prateleiras, correlacionando-os com seus lugares e objetivos.

As etiquetas vermelhas indicam livros para 1º e 2º níveis e as azuis para 3º e 4º níveis. A divisão das cores foi sugerida pelas professoras e também organizada por elas.

O espaço físico da biblioteca é inadequado ao uso por se localizar no corredor, perto da secretaria. Temos que nos organizar em pequenos grupos para freqüentá-la, ficando, conseqüentemente, inviável a realização de atividades de leitura naquele espaço, restringindo-se o uso da biblioteca apenas a retiradas e devoluções de livros. É impossível utilizá-la para pesquisas ou estudos!

A falta de um local adequado é um dos pontos negativos ao projeto de formação de leitores desenvolvido pela escola. Como professora, sinto a necessidade de uma reforma desse ambiente, porém, no momento, é impossível porque a escola é administrada pelo município e não está prevista nenhuma reforma para 2005 (a escola foi reformada no ano de 2000 e até hoje não foi inaugurada).

Mesmo assim, o trabalho com a biblioteca acontece regularmente, sem grandes transtornos, uma vez que as crianças que atuam como bibliotecários dividem a sala em pequenos grupos de, no máximo, 4 crianças por grupo. Essa divisão facilita o movimento dos alunos nas estantes de livros, possibilitando-lhes a oportunidade de escolherem melhor o que querem ler. Aliás, eles têm também a liberdade de escolha de qualquer livro, independentemente da cor da etiqueta. As

etiquetas coloridas servem apenas como guia ou um referencial para a escolha, conforme o interesse dos alunos.

Esse trabalho começou no início de 2004 e já está apresentando resultados positivos em relação ao uso da biblioteca.

As crianças demonstram interesse pela biblioteca e sua relação com os livros mudou, uma vez que se consideram como parte do projeto de leitura. Para elas, a biblioteca se tornou um espaço vivo, onde vivenciam a leitura como uma atividade enriquecedora.

Fora da escola, infelizmente, não existe o hábito de ir à biblioteca. As crianças desconhecem a existência da biblioteca municipal e, conseqüentemente, ao entrarem na biblioteca da escola, por menor que ela seja, acabam tendo curiosidade sobre o espaço.

2. Escola B – Centro Educacional SESI 234

A escola localiza-se na rua Albertina Castro Prado, nº 2673, bairro Capuava, Valinhos, Estado de São Paulo.

Situa-se num bairro a 4 km do centro da cidade, ladeada por três núcleos habitacionais. A clientela era inicialmente oriunda, em sua grande maioria, da zona rural. Com a construção de casas paralelas na década de 70, essa característica foi modificada.

As famílias são constituídas por pessoas que trabalham nas indústrias e, conseqüentemente, o nível sócio-econômico e cultural passou a ser mais elevado. A escola foi ampliada, visando atender à demanda da comunidade.

Com a finalidade de garantir a todos o direito de permanência, o Ensino Fundamental Regular da Unidade está organizado em quatro ciclos:

Ciclo I – primeiro e segundo ano de escolaridade.

Ciclo II – terceiro e quarto ano de escolaridade.

Ciclo III – quinto e sexto ano de escolaridade.

Ciclo IV – sétimo e oitavo ano de escolaridade.

O Ensino Fundamental Regular organizado em quatro ciclos facilita a progressão com sucesso, proporcionando atividades de reforço e recuperação de

alunos com defasagem de aprendizagem, com oportunidades novas e diversificadas de apropriação, construção e reconstrução de conhecimentos e habilidades básicas.

Todo o processo de planejamento e execução de atividades escolares deve ajustar-se, em conteúdo, método e avaliação, às fases de desenvolvimento dos alunos, de acordo com os Referenciais Curriculares que norteiam a Rede SESI. As atividades de recuperação e reforço são paralelas e contínuas ao longo do processo de ensino e aprendizagem.

O Centro Educacional SESI 234 possui 8 salas de aula. No período da manhã funcionam os Ciclos III e IV (duas classes de cada ciclo) e no período da tarde funcionam os Ciclos I e II (duas classes de cada ciclo).

A escola, sempre em parceria com SESI, Prefeitura e APM, pretende conquistar melhorias para o prédio escolar.

Por motivo do avanço tecnológico e das transformações sociais que passa nossa sociedade, a instituição busca acompanhar esse avanço a fim de conquistar uma educação de excelência e tem o desafio de conquistar três espaços, os quais serão importantes e que contribuirão para o processo de ensino aprendizagem dos alunos. São eles:

- Sala de informática;
- Sala de leitura;
- Laboratório de Ciências.

Esses três espaços foram conquistados nesse primeiro trimestre (2005) e já estão sendo utilizados.

A unidade escolar CE 234 tem como objetivos:

- O pleno desenvolvimento do educando e seu preparo para o exercício da cidadania, inspirados nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana;
- O desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo;
- A compreensão do ambiente natural e social, do sistema político, da tecnologia, das artes e dos valores em que se fundamenta a sociedade;
- O desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores;

- O fortalecimento dos vínculos da família, dos laços de solidariedade humana e de tolerância recíproca em que se assenta a vida social.

2.1. Proposta Pedagógica

A instituição SESI 234 tem como meta principal uma EDUCAÇÃO DE EXCELÊNCIA, através da qual deve acontecer a aprendizagem do saber historicamente acumulado e, ao mesmo tempo, permitir um espaço de interferência crítica, visando as transformações necessárias para uma sociedade mais justa, dinâmica e democrática. Sendo assim, o conhecimento não é visto pela nossa equipe como algo situado fora do indivíduo, tampouco como algo que o indivíduo constrói independente da realidade exterior, dos demais indivíduos e de suas próprias capacidades pessoais. É, então, uma construção histórica e social, na qual interferem fatores de ordem cultural, social e psicológica.

Pensando nessa educação de excelência, cabe à escola oferecer elementos para que o aluno saiba discernir o que é certo ou errado dentro de uma sociedade, apresentando sempre perspectivas para uma formação ética consciente. Os conteúdos desenvolvidos pelo educador deverão estar permeados por temas que reforcem a aprendizagem significativa, comprometendo-se com a formação pessoal, profissional e social do educando.

O Centro Educacional SESI 234, através de projetos, palestras, entrevistas com familiares e outras atividades diversificadas, faz com que os alunos que apresentarem dificuldades no processo de ensino e aprendizagem estejam cada vez mais incluídos no mesmo e sintam-se estimulados e aptos a alcançarem seus objetivos.

2.2. Diagnóstico Escolar

O trabalho está pautado na formação do aluno-cidadão, integrado, participativo, ativo, responsável, autônomo, crítico, por meio do resgate dos valores morais e éticos de nossa sociedade. O trabalho está voltado para uma prática participativa e libertadora, colocando-se numa relação dialógica com os alunos.

O trabalho realizado pela equipe escolar SESI 234 está de acordo com a proposta da Rede, baseada nos Referenciais Curriculares. Os referenciais são parâmetros que norteiam a prática pedagógica: é o produto de uma construção coletiva entre analistas, consultores externos e educadores da própria rede.

A progressão continuada é um instrumento guia para a observação da progressão do aluno. Deve ser um mecanismo inteligente e eficaz a fim de ajustar a realidade do fato pedagógico à realidade do aluno.

É uma política educacional adotada pela rede a fim de evitar a repetência e evasão escolar, ancorada na premissa de se respeitar o tempo necessário de cada educando para aprender. Com isso, distribui-se o conteúdo de forma mais adequada à natureza do processo ensino e aprendizagem, além de se considerar a avaliação como um processo contínuo e permanente na reconstrução e reelaboração de saberes. O ciclo é uma organização da progressão continuada e na rede SESI são formados por dois anos. São as etapas de aprendizagem do aluno, bem como sua continuidade e suas articulações.

Dentro do ciclo, distribui-se os conteúdos de uma forma mais adequada ao processo de aprendizagem, respeitando-se o tempo necessário para os alunos e professores construir e reconstruir seus conhecimentos. Há necessidade de um trabalho conjunto e contínuo entre os professores.

A avaliação da aprendizagem é um procedimento pedagógico pelo qual se verifica o progresso do aluno para, a partir da verificação, auxiliá-lo em sua trajetória de desenvolvimento. A avaliação da aprendizagem não implica aprovação ou reprovação, mas sim uma orientação permanente para professor e aluno.

De acordo com a realidade, a escola compromete-se com uma prática que permita desenvolver habilidades e competências, enfatizando o resgate e a prática diária dos valores morais e éticos, como: solidariedade, respeito ao próximo, ao meio ambiente, ao espaço escolar, harmonia, companheirismo, humildade e compromisso.

2.3. Currículo

O Referencial Curricular da Rede SESI é um documento norteador que orienta o professor na construção do Plano Docente a fim de que sua prática pedagógica seja mais rica, criativa e organizada.

A equipe escolar se preocupa em adotar práticas pedagógicas diversificadas, tornando a aquisição do saber mais significativo e prazeroso. Essas atividades constituem um conjunto de procedimentos ordenados, estruturados e articulados para a realização de certas expectativas de aprendizagem, com princípios e fins conhecidos pelo aluno e professor a fim de atender as diversidades

do grupo. Podem ser entendidas como atividades variadas, destinadas ao reforço e complementação de alguns conteúdos que não foram bem compreendidos pelo aluno. A sondagem dos conhecimentos prévios, a interdisciplinariedade, o lúdico, a reflexão e a diversidade literária devem ser recursos primordiais no processo de ensino e aprendizagem da unidade.

Para que isso aconteça, cabe ao professor ser um eterno pesquisador, para que tenha uma autonomia intelectual e consiga, dessa forma, tornar sua aula agradável, motivadora, desafiadora e transformadora.

A equipe escolar almeja a construção de uma escola dinâmica, produtiva onde a solidariedade, a comunicação e a participação sejam elementos presentes para o sucesso da aprendizagem e a harmonia entre todos os envolvidos no processo educacional.

2.4. Avaliação

A avaliação é vista pela equipe escolar como um processo que permeia todo o fazer pedagógico; portanto, deve ser:

- Transparente, disponibilizando a toda comunidade informações que evidenciem o desempenho do aluno.
- Formativa, propiciando ao aluno uma reflexão constante sobre seu aproveitamento.
- Integral, observando valores e atitudes através da convivência cotidiana.
- Democrática, a elaboração dos critérios constitui-se numa ação conjunta entre os membros da equipe escolar, sendo direito dos alunos conhecer e discutir sobre os mesmos.

Na rede SESI, além da avaliação que permeia todo o processo de ensino e aprendizagem, contamos com dois momentos que fazem valer os pontos acima elencados: A Avaliação Padronizada, iniciada em 2004, e a Avaliação externa, aplicada no final do ano letivo.

O erro deve ser visto como hipótese de construção do conhecimento e não como um “fracasso”. Esse procedimento possibilita a mediação do professor na reorientação da construção do conhecimento pelos alunos. Deve-se estar atento ao procedimento que será utilizado para a correção a fim de que esse ato tenha seu objetivo alcançado.

2.5. Projeto Biblioteca

Não existe um projeto coletivo para todos os ciclos; cada professor elabora o seu projeto de promoção da leitura.

A escola conta com um grupo de alunos dos Ciclos III e IV, que fazem parte do C.Q.V. (Cidadania e Qualidade de Vida).

O C.Q.V. desenvolve vários projetos na escola e um deles é o trabalho de literatura infantil com os alunos dos Ciclos I e II.

Esse projeto surgiu no ano de 1992 e o SESI, preocupado com a formação integral do educando, viabilizou-o com a finalidade de introjetar nos jovens uma mentalidade prevencionista, trabalhando questões ligadas à Qualidade de Vida.

Acredita-se que o trabalho com o “Projeto Cidadania e Qualidade de Vida – CQV” ajude a superar e ampliar a antiga base ideológica holística. Trabalhar na pedagogia do “aprender a fazer” para que os indivíduos não tenham apenas informações acumuladas, mas que sejam despertados para novas atitudes e diferentes capacidades, sejam elas éticas, estéticas, afetivas, intra e interpessoais e de inserção social, tendo em vista os diferentes interesses e habilidades, tornando-os mais criativos e felizes, autônomos e responsáveis pelas suas próprias ações.

2.6. O Trabalho com a Biblioteca da Escola

A visita à biblioteca da escola acontece normalmente às segundas e sextas-feiras.

Na segunda-feira, as crianças vão até a biblioteca para a escolha de livros e leitura durante 50 minutos e, depois, selecionam apenas um para levar e ficar com ele durante a semana em casa.

A biblioteca é uma sala ampla, tem várias estantes com livros para que a criança possa escolher com total liberdade. Os livros são separados por temas. A sala dispõe de tapetes e almofadas para que todos se aconcheguem na hora da leitura. É um ambiente muito agradável, que tem como objetivo incentivar os alunos a lerem por prazer. Os alunos recebem instruções do professor e do auxiliar docente. Temos um caderno onde anotamos a retirada e a devolução dos livros.

Por ser uma classe numerosa, são feitos grupos de cinco alunos para que tenham a oportunidade de escolher melhor o que querem ler.

Na sexta-feira, as crianças vão à biblioteca para participar da “roda da leitura”. Elas formam essa roda sentadas no chão e o professor, o auxiliar docente

ou algum membro do CQV escolhe o livro de literatura infantil que será lido para a classe.

Geralmente, o livro escolhido tem a ver com o conteúdo estudado ou algum tema transversal para trabalhar o exercício da cidadania.

Após a leitura, conversamos e as crianças fazem comentários e dão suas opiniões sobre o livro lido.

Outro aspecto a destacar é a qualidade dos livros existentes na biblioteca. São diferentes gêneros (humor, poesia, contos, lendas, histórias do cotidiano, contos de fadas, imagens, aventuras), uma vez que não formamos leitores com apenas um gênero literário. É necessário apresentar um leque de possibilidades para que as crianças experimentem diferentes situações de leitura e construam sua história como leitores.

3. Cotejo entre as duas realidades escolares

Foi o conhecimento da realidade das duas escolas que me inspirou a realizar uma pesquisa com minhas classes.

Quando comecei a trabalhar na escola A, iniciei com um 2º ano e, a partir do momento em que assumi a classe, trabalhava com as mesmas atividades desenvolvidas na escola B.

Qual não foi a minha surpresa ao perceber que os alunos (a maioria), estavam com dificuldades para realizá-las.

Notei que estavam em outro nível de aprendizagem em relação à outra escola. Tive que refletir e trabalhar com atividades do 1º ano.

Isso ocorreu durante um certo período, por perceber que estava trabalhando com duas realidades diferentes e que, no momento, não poderia trabalhar com atividades semelhantes nas duas escolas.

Percebi que os alunos da escola A tinham uma cultura diferenciada devido sua convivência social (comunidade e família).

Será que esses alunos eram menos inteligentes que o da escola B, oriundos de uma classe social socioeconômica mais favorecida?

Segundo Soares (1986):

“... as condições de vida de que gozam as classes dominantes e, em consequência, as formas de socialização da criança no

contexto dessas condições permitem o desenvolvimento desde a primeira infância, de características – hábitos, atitudes, conhecimentos, habilidades, interesses – que lhe dão a possibilidade de ter sucesso na escola. Ao contrário, as condições de vida das classes dominadas e as formas de socialização da criança no contexto dessas condições não favoreciam o desenvolvimento dessas características e, assim, seriam responsáveis pelas dificuldades de aprendizagem dos alunos delas provenientes". (p. 13)

Comparando essas duas realidades, percebo que o trabalho desenrola mais satisfatoriamente na escola B, sendo um dos pontos positivos ter os pais caminhando junto com a escola e por possuir uma cultura mais elaborada - digo cultura mais elaborada porque os pais têm acesso a livros, computadores, passeios e o interesse da família pelo desenvolvimento da criança.

Na escola A, esse trabalho é um pouco mais difícil, mas não é impossível, pois muitas vezes caminhamos sozinhos (eu e alunos), não tendo apoio da família em casa.

Concluindo, com as diferenças entre as duas realidades, devemos ter propostas de trabalhos também diferentes para elas. Buscar do conhecer a forma de ser, de falar, de lidar com a cultura letrada dos alunos de cada escola; basta respeitarmos cada aluno.

II. QUADRO TEÓRICO

1. Concepções de leitura

É preciso superar algumas concepções sobre o aprendizado inicial da leitura, sendo a principal delas a de que “ler é simplesmente decodificar”, converter letras em sons.

Ler é uma prática social; sendo assim, deve ser vista como um meio e nunca um fim em si mesma, como uma necessidade pessoal.

Conseqüentemente, lemos por diversão, para buscar uma informação, saber o que está acontecendo no mundo. A leitura é um instrumento de inserção na sociedade; sem ela, podemos dizer que corremos o risco de exclusão do grupo.

“É por intermédio da leitura que as pessoas têm acesso ao conhecimento produzido pela humanidade, buscam informações, ampliam sua visão de mundo e têm a possibilidade de exercer a cidadania de maneira consciente e crítica”. (GROTTA, 2001, p. 130-131)

É claro que conseguimos sobreviver sem a leitura, porém ficamos, de certa forma, à margem da sociedade, visto que a leitura é uma das práticas mais utilizadas na atualidade.

A leitura é entendida como uma atividade de linguagem, como forma de interação entre os indivíduos, uma produção culturalmente construída. Somente os seres humanos são capazes de ler e escrever.

“A leitura pode se apresentar na condição de um instrumento de conscientização, quando diz respeito aos modos como uma sociedade se relaciona com a produção cultural, isto é, com os objetos e atitudes em que se depositam as manifestações de linguagem, sejam estas gestuais, visuais ou verbais. Neste caso, a leitura coloca-se como meio de aproximação entre os indivíduos e a produção cultural podendo significar a possibilidade concreta de acesso ao conhecimento e agudização do poder de crítica por parte do leitor”. (SILVA, 1991, p.p. 112-113)

Dentro dessa perspectiva, cada leitura que fazemos durante a nossa vida se incorpora em nós e nos auxilia em outras circunstâncias, em outras leituras.

Segundo Geraldi (1996), aprender a ler é ampliar as possibilidades de interlocução com pessoas e tornamo-nos capazes de compreender, criticar e avaliar seus modos de compreender o mundo, as coisas, os povos e suas relações.

Nesse processo a leitura não se resume em apenas extrair uma informação da escrita, mas numa construção e (re)construção de significados do texto, num processo ativo entre indivíduo e textos.

“(...) a relação texto/leitor constitui-se no espaço interlocutivo da leitura: o leitor ao produzir sentidos a partir da leitura, constitui-se por meio dela, modificando seu modo e pensar a respeito de si mesmo, do mundo e de suas relações: (trans)forma-se”. (GROTTA, 2001, p. 133)

Podemos dizer, então, que o processo de leitura e de formação de leitores envolve movimento; é estar sempre aberto para o mundo, visto que o sujeito está sempre se construindo, transformando, ampliando sua visão de mundo, (re)significando a maneira como compreende a realidade.

“Ler é conhecer, mas também conhecer-se, é integrar e integrar-se em novos universos de sentidos; é abrir e ampliar perspectivas pessoais; é descobrir e atualizar potencialidades”. (BORDINI, 1985, p. 27)

O ato de ler faz parte da construção de nossa identidade. Um texto bem elaborado pode estimular nossa fantasia e nos provoca a ver os fatos de outra maneira, ajudando-nos a desenvolver um novo olhar sobre a realidade.

“Ler é, em última instância, não só uma ponte para a tomada de consciência, mas também um modo de existir no qual o indivíduo compreender e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo”. (SILVA, 1984, p. 45)

2. A leitura prazer

Grandes recordações me vieram à mente quando comecei a pensar sobre a leitura prazer. Lembrei-me de quando era criança e de como a leitura entrou em minha vida.

Uma das coisas de que me lembro era da casa de meus avós, onde eu passava minhas férias e meus tios tinham muitos gibis. Eu adorava ler os gibis que tinham os personagens da Turma da Mônica e de Walt Disney. Houve uma época em que eu ia até a banca de jornal comprar gibis e eu já havia lido todos; tinha então que esperar chegar as novidades.

Um dia descobri, em um quartinho, uma estante cheia de livros antigos. Havia uma coleção que me chamou atenção e comecei a ler. Essa coleção, nada mais era que “O sítio do pica-pau amarelo”, de Monteiro Lobato.

Nossa, como entrei nesse mundo de fantasia! A partir daí nunca mais consegui ficar sem ler. Percebo que desde pequena tive contato com a leitura prazer, não pela escola e sim pelo meio onde eu vivia.

Hoje, a escola vem produzindo grandes quantidades de “leitores”, capazes de decodificar qualquer texto, mas com enormes dificuldades para compreender o que tentam ler, ou seja, apenas decodificam palavras e sons, não conseguem fazer uma compreensão e (re)significação dos acontecimentos.

Essas práticas centradas na decodificação fazem com que os alunos leiam por obrigação, fazendo leituras sem compreensão e sem prazer.

O aluno precisa compreender que ler é uma atividade que se presta ao prazer e não serve apenas a execução de tarefas escolares. Por isso é necessário o acesso a livros que respondam ao desejo de se conhecer e reconhecer.

A leitura é produzida num determinado contexto histórico. Assim, toda leitura tem sua história; a interpretação feita em um dado momento não é a mesma que será realizada em outra época; a produção de sentidos de um mesmo texto difere porque diferem os leitores de épocas e sociedades diversas.

Quando a criança entra na escola, já traz consigo experiências com a leitura; ela já compartilhou gestos de leitura e aprendeu determinadas habilidades com a comunidade de leitores da qual faz parte.

Não se forma bons leitores solicitando que leiam apenas durante as atividades na sala de aula, apenas no livro didático. A mais importante estratégia

didática para a prática da leitura é o trabalho com a diversidade textual. Para aprender a ler, é preciso interagir com uma diversidade de textos escritos.

O texto literário é muito importante, pois além de fonte de prazer é também fonte de informação, é uma forma de conhecer o mundo sob o ponto de vista de outra pessoa: o escritor.

Uma das práticas que deveria ser constante na escola é a de trabalhar com a literatura infantil. Leituras entregues ao prazer de ler.

Segundo Cecília Meireles:

“costuma-se classificar como literatura infantil o que para elas se escreve. Seria mais acertado, talvez, assim classificar o que elas lêem com utilidade e prazer. Não haveria, pois, uma literatura a priori, mas a posterior”. (1984, p. 20)

Lúcia Pimentel Góes (1991, p. 3) concorda com Cecília Meireles, ao afirmar que *“literatura infantil é, antes de tudo, literatura, isto é, mensagem de arte, beleza e emoção”*.

A arte literária que as crianças lêem com prazer traz em si inúmeros benefícios: deleita, instrui, educa, desenvolve a imaginação, a observação, a inteligência e o gosto artístico, estabelecendo-se uma relação íntima entre o mundo da fantasia e da realidade.

A literatura voltada para a criança deve possibilitar ao leitor, além do divertimento e do encantamento, o desabrochar das várias potencialidades humanas, entre elas a inteligência, as emoções, as linguagens, a criatividade, a percepção como ser único e social. A literatura, como arte, deve ser libertadora.

Citamos aqui um trecho pertinente de Nelly Novaes Coelho (2000: p.4):

“e se, de todas as formas de expressão de que o homem dispõe para dar forma às suas vivências e experiências, as da Arte estão em primeiro lugar, não há dúvida de que, entre as artes, a Literatura é das mais eloqüentes, devido à amplitude de seus recursos expressionais”.

Finalizando, podemos fazer uso das palavras de Magnani no texto *“Leitura e a formação do gosto”* (por uma Pedagogia do desafio, do desejo), quando ela afirma que:

"(...) o gosto (como sabor, ou prazer, ou moda, ou opinião, ou faculdade de julgamento) pela leitura, em particular a da literatura, não é um dado da natureza humana, imutável e acabado, e sua formação tem a ver com as necessidades, com o tempo e o espaço em que se movimentam pessoas e grupos sociais. Desenvolvimento e aprendizagem encontram-se, assim, relacionados entre si e com o processo de constituição dos sujeitos históricos, através do trabalho lingüístico". (p. 101)

3. A escola e a promoção da leitura: algumas funções

Pouco me recordo dos momentos em que vivi na escola o contato com a leitura prazer.

A minha lembrança envolve os textos dos livros, acompanhados dos imensos questionários de compreensão ou interpretação.

O livro de literatura era imposto e eu tinha um determinado prazo para lê-lo. Isso se tornava algo doloroso, obrigatório, uma responsabilidade que tinha de ser cumprida.

Infelizmente, essas são as lembranças que tenho da minha escola e que, infelizmente, até hoje permanecem em nossas escolas.

Apesar de atualmente a escola aparecer como lugar privilegiado para a formação de leitores, pois pode organizar um trabalho que permita a inserção das crianças na aquisição da leitura, ela tem falhado, e muito, na formação do leitor.

Ela não tem conseguido mostrar ao aluno a magia, o prazer, a satisfação que uma boa leitura pode proporcionar. O aluno não consegue perceber a leitura como uma atividade significativa e gratificante em sua vida e não consegue se interessar por ela.

A escola seleciona seus objetivos segundo os padrões culturais e lingüísticos das classes dominantes, valoriza esses padrões e desqualifica os padrões das classes dominadas, colaborando com as desigualdades sociais; ela usa e quer ver usada a linguagem legítima, ocasionando assim, nos alunos das camadas populares, dificuldades de aprendizagem.

Segundo SOARES:

"... é o uso da língua na escola que evidencia mais claramente as diferenças entre grupos sociais e que gera discriminações e fracassos: o uso, pelos alunos provenientes das camadas populares, de variantes lingüísticas social e escolarmente

estigmatizadas provoca preconceitos lingüísticos e leva a dificuldades de aprendizagem, já que a escola usa e quer ver usada a variante padrão socialmente prestigiada". (1986, p. 17)

A escola deve rever seus conceitos, ter um compromisso maior que é propiciar ao sujeito o desenvolvimento da sua capacidade de leitura do mundo. Ela tem que ter uma proposta de educação transformadora sendo possível só se tiver sucesso no empreendimento de formar leitores e um caminho natural para o sucesso ao mundo da leitura é o da literatura infantil.

Para SOARES:

"a solução estaria numa mudança de atitudes dos professores, e da população em geral, que deveriam ser educados para compreender que todos os dialetos são igualmente válidos, corretos e que não há razões legítimas para a discriminação de falantes, que usam dialetos não-padrão". (1986, p. 48)

4. O papel do professor na promoção da leitura

É comum ouvirmos hoje em nossas escolas, em cursos, encontros pedagógicos e formações que participamos, que é preciso criar o "hábito de leitura" nas crianças. Mas o que é esse "hábito"? Na minha opinião, é algo que se faz mecanicamente, sem a preocupação de produzir significados. Devemos, isto sim, formar o gosto do hábito com prazer de ler.

Ao ingressar na escola, a criança demonstra claramente o seu desejo de ler e muitas vezes este desejo é mutilado durante a vida escolar.

A leitura, quase sempre, nas séries iniciais, se resume a textos repetitivos, sem expressões interpretativas; ela não possui um espaço privilegiado nos currículos das escolas.

Ao professor que atende alunos em processo de alfabetização, cabe a tarefa de possibilitar um contato significativo com o livro. A relação com o livro auxilia a criança a percebê-lo como um objeto de prazer.

O professor deverá proporcionar várias alternativas de interação da criança com os textos literários e não esquecer de que a alfabetização é um processo global, contínuo e gradativo e que cada criança percorre um caminho próprio na sua evolução.

“Ao professor, cabe o detonar das múltiplas visões que cada criação literária sugere enfatizando as variadas interpretações pessoais, porque estas decorrem da compreensão que o leitor alcançou do objetivo artístico, em razão de sua percepção singular do universo representado”. (ZILBERMAN, 1988, p. 27)

Desenvolver o gosto pela leitura não é tarefa fácil de se realizar: é necessário que o professor também se apresente como leitor, tornando-se um modelo dentro da sala de aula; deve viver a leitura como algo prazeroso e não como algo cansativo, enfadonho.

O professor que pretende assumir um papel ativo na formação de seus alunos como leitores não pode se restringir a apenas ensinar a ler, mas deve preocupar-se em apresentar o mundo da leitura indicando livros, lendo para os alunos e envolvendo-se com eles.

A literatura infantil deve se tornar uma das práticas constantes de leitura na escola, pois são leituras entregues ao prazer de ler. Ela auxilia na aquisição do gosto pela leitura e contribui para o desenvolvimento infantil. Ela resgata o lúdico na aprendizagem, proporciona um contato prazeroso com a linguagem escrita e é uma importante ferramenta para a alfabetização, para o conhecimento do mundo e para o auto-conhecimento.

Vale lembrar que ler histórias para os alunos, dramatizando e mostrando as ilustrações, propor atividades artísticas, debates e releituras, são importantes porque constituem um modo de ler alternativo à decodificação; possibilitam o contato prazeroso com o livro e a construção do gosto pela leitura, exercitam a criticidade e a criatividade e ampliam a visão de mundo, favorecendo o estabelecimento de ricas relações interpessoais.

Contar histórias pode ser um bom começo para incentivá-los na leitura, como ressalta ABRAMOVICH:

“Ah, como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escuta-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo”. (1989, p. 16)

“Quando uma criança escuta, a história que se lhe conta penetra nela simplesmente, como história. Mas existe uma orelha detrás da orelha que conserva a significação do conto e

o revela muito mais tarde". (Loius Pawels, apud Abramovich, op cit, p. 25)

Zilberman (1988) acredita que uma leitura lúdica e desarticulada de propósitos pedagógicos pode ser um instrumento para os alunos aprenderem a gostar de ler e compreender as diversas linguagens literárias.

Para tornar esses alunos bons leitores, precisaremos fazê-los achar que a leitura é algo interessante e desafiador, algo que conquistado plenamente dará autonomia e independência. Precisaremos torná-los confiantes condição para poderem se desafiar a "aprender fazendo".

Formar leitores é algo que requer, portanto, condições favoráveis para a prática da leitura.

"... se o livro de literatura é saber, mas também sabor, ele precisa ser lido e fruído – "curtido" até num ambiente ou atmosfera em que estejam presentes a descontração, o prazer e a liberdade. Só assim, criando laços afetivos com o livro de literatura – apresentado como algo gostoso sem as marcas das maçantes obrigações escolares – a criança estreitará com ele relações efetivas". (BRAGATTO FILHO, 1995, p. 83)

III. ATIVIDADES PLANEJADAS E IMPLEMENTADAS

Como professores, é excelente que tenhamos consciência de como está a realidade escolar. Com a tecnologia de ponta presente no cotidiano de nossas crianças, fica mais difícil formá-las no hábito e no prazer de ler e no de imaginar histórias. Elas preferem muito mais a TV, o videogame e o computador do que a leitura de um livro.

Porém, ainda que a tecnologia, a globalização e a informatização tenham papéis importantes no desenvolvimento cultural de um povo, não podemos permitir que os livros e a literatura se transformem para nossas crianças em algo chato, desestimulador e obrigatório.

Tendo em vista a grande dificuldade que vem sendo encontrada para transformarmos nosso aluno em leitor, elaborei atividades envolvendo o trabalho com livros de literatura infantil, fazendo o possível para que essas ações fossem prazerosas, interessantes, criativas e atraentes e, conseqüentemente, colaborassem na formação de leitores sensíveis.

Sem estabelecer roteiros fixos, executei as atividades de acordo com o nível, a turma e o objetivo central do trabalho.

Como já deixei claro e por trabalhar com duas realidades diferentes, conhecendo os alunos e as comunidades, escolhi livros literários, de acordo com suas realidades. Vamos a eles:

1. Escola A – EMEF VALE VERDE

- Obras utilizadas:

1. ROCHA, Ruth. **O menino que aprendeu a ver**. Editora Quinteto, 1998.

O livro conta a história de um menino que não conhecia as letras; não sabia ler. Ele começou a freqüentar a escola e, a partir daí, passou a ver tudo que estava ao seu redor (nomes dos lugares, nomes do ônibus, dos estabelecimentos).

2. ROCHA, Ruth. **O coelhinho que não era de Páscoa**. Editora Ática, 2004.

É a história de uma família de coelhos cuja profissão era “entregar ovos de Páscoa”. Um dos coelhinhos, Vivinho, não queria esse trabalho e sua família não aceitava. Perto da Páscoa seus pais não encontraram ovos para comprar e Vivinho teve a chance de mostrar que sua vocação estava em fazer os ovos e não as entregas.

3. ROCHA, Ruth. **Uma história com mil macacos**. Editora Ática, 2003.

Conta a história de um cientista que precisava de macacos para realizar experiências. Foi ao correio e pediu para o Zeca telegrafista mandar um telegrama a um amigo na Transamazônica, solicitando 1 ou 2 macacos. A mensagem foi passada errada, isto é, primeiramente foi mandada 102 macacos e depois, ao invés do Zeca telegrafista dizer “Pare de mandar macacos”, disse “Não pare de mandar macacos” e a cidade começou a receber macacos sem parar.

4. MOSES, Brian & GORDON, Mike. **E eu com isso?!**. Aprendendo sobre respeito. Coleção Valores.

Esse livro trata de situações do dia-a-dia sobre o respeito, o auto-respeito.

5. FONTAINE, J. Fábula de Esopo. **A coruja e a águia**. Editora Scipione, 1998.

Essa fábula conta sobre um trato que foi feito entre a coruja e a águia porque esta sempre comia os filhotes da coruja. Esse trato não deu certo porque a águia prometeu não comer mais filhotes lindos e, se para a coruja seus filhotes eram lindos, para a águia eram monstrelhos.

6. ALMEIDA, Fernanda L. **A Margarida Friorenta**. Editora Ática, 1997.

Conta a história de uma margarida que vivia no jardim e, certa noite, começou a sentir frio. A borboleta azul levou-a para o quarto da menina Ana Maria. A menina tentou várias coisas para aquecê-la: colocou blusa, construiu uma casa...

Só depois a menina entendeu que aquele frio da margarida era falta de calor humano. Bastou um beijo e o frio passou.

7. AZEVEDO, Ricardo. **Meu nome é gato**. Ediouro, 1999.

Um gato conta como é a sua vida no dia-a-dia, seus gostos, suas manias e seu jeito de ser. Mora em três casas ao mesmo tempo, é convencido se achando melhor que os outros animais.

8. STRAUZ, Rosa Amanda. **Uma família parecida com a da gente**. Editora Ática, 2003.

Este livro conta a história de várias famílias de bichos que possuem atitudes, qualidades e defeitos que encontramos em nossas famílias.

Durante a leitura, o leitor pode relacionar a sua família com a dos bichos.

▪ Objetivos:

- Escutar, interpretar e reproduzir histórias oralmente e por escrito, compartilhando idéias e preferências a respeito das leituras realizadas;
- Falar e ouvir em diversas situações cotidianas nas quais faz sentido expor e argumentar a respeito de idéias, dúvidas e descobertas;
- Reconhecer a importância do “eu”, do “outro” e de “nós” enquanto grupo social, valorizando as experiências de vida de cada um;
- Desfrutar dos livros de literatura infantil apresentados e aqueles que foram escolhidos autonomamente.

▪ Atividades:

Com base nos livros citados foi realizada a “roda da leitura”, ou seja, os alunos colocados em roda enquanto eu lia, a fim de que fossem realizados discussões, esclarecimentos, etc.

De alguns livros, a história era contada por inteiro e eu ia mostrando as figuras; de outros, eram realizadas algumas paradas para meus questionamentos e verificação do entendimento, do sentimento e interesse dos alunos.

Outras atividades foram desenvolvidas, como confecção de móveis, livros sobre a história, apresentação de teatro, produção de textos e histórias em quadrinhos, debates e experiências do cotidiano dos alunos.

▪ O trabalho e o relato de algumas atividades trabalhadas na roda da leitura

No início de 2005, após conhecer meus alunos, percebi que nessa escola, EMEF Vale Verde, eles se encontravam em diferentes níveis de escrita e devido essa diferença, refleti e percebi que através da leitura de diferentes textos o processo de alfabetização poderia ser mais produtivo e mais rápido. Optei por trabalhar com a roda da leitura por ser uma atividade pertinente para trazer o prazer da literatura para o cotidiano das crianças, levando em consideração as preferências, diversidades de textos (poéticos, contos, informativos) e autores.

Após buscar conhecer sobre o universo que eles tinham sobre leituras, livros, iniciei o meu trabalho no mês de março de 2005. Como estava próximo da Páscoa, comecei o projeto com base na obra “O coelhinho que não era de Páscoa”, de Ruth Rocha.

Essa atividade foi trabalhada na roda da leitura. As crianças afastaram as mesas e sentaram-se no chão, formando um círculo. Sentei-me também e, mostrando a capa do livro, li o título perguntando se sabiam sobre o que se tratava. Levantaram suas hipóteses sobre o conteúdo e a classe ficou ansiosa para que se comesse a leitura.

Iniciei, então, com a história de um coelho que não queria ser entregador de ovos de páscoa como sua família (o texto do livro tem forma bem humorada e as ilustrações prendem a atenção das crianças).

Enquanto lia, elas permaneciam imóveis acompanhando o enredo e riam muito quando eu modificava a voz, imitando as personagens. Terminando, perguntei, o que haviam achado e tive que intervir porque todos começaram a falar ao mesmo tempo, esquecendo-se das regras. Pedi que levantassem as mãos e esperassem a vez para falar.

Uma proposta de leitura como essa provoca o desejo de falar, dando uma movimentação bastante diferente das leituras individuais e em silêncio. Falar sobre os livros, enredar-se nas histórias, participar dos comentários, são estratégias usadas pelos leitores mais maduros, familiarizados com o mundo dos livros.

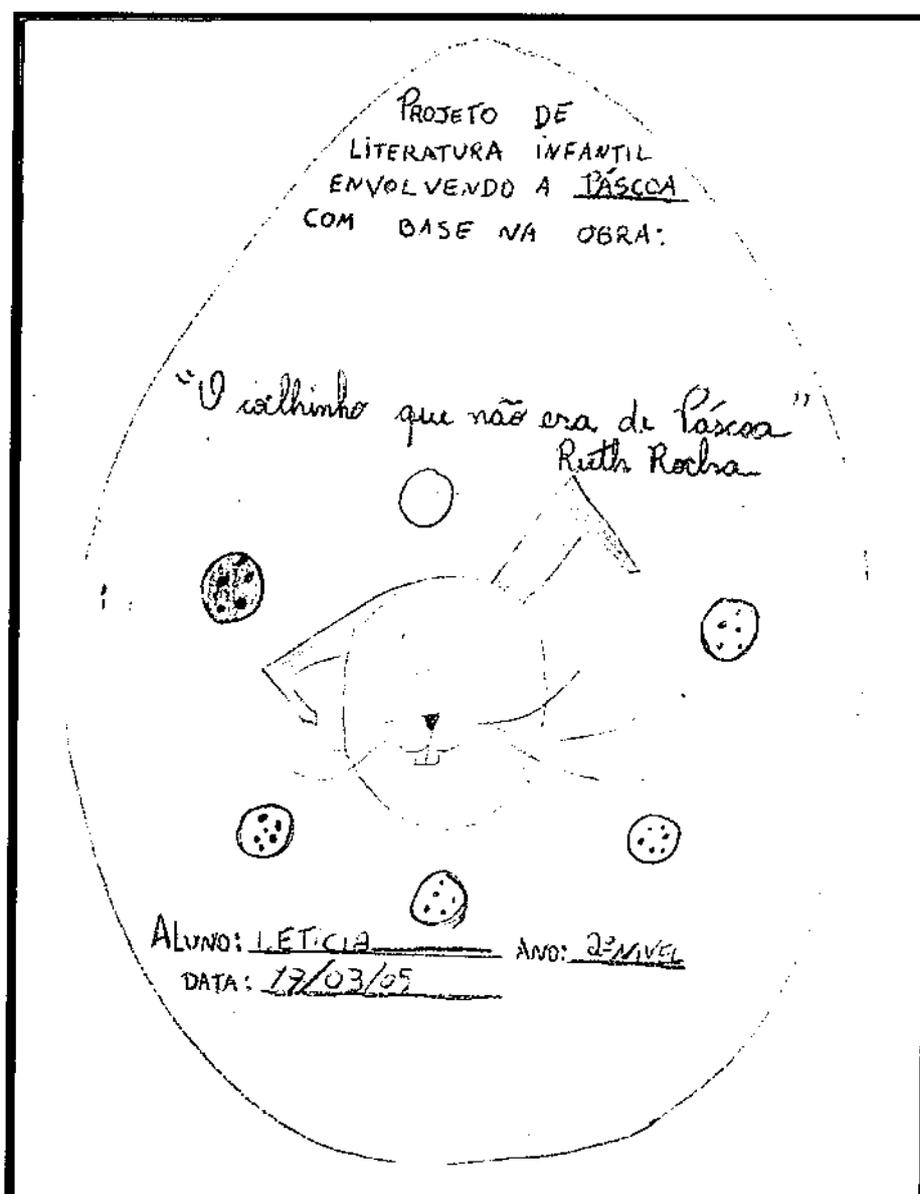
Várias interpretações diferentes sobre a mesma história; muitas falas que opinam e julgam uma ação de uma personagem, relacionando-a com o seu próprio dia a dia.

Durante toda a discussão, coloquei-me como mediadora, deixando as crianças apresentarem suas opiniões e formularem suas conclusões sobre o tema abordado no livro.

Depois das discussões, as crianças confeccionaram um livro com base na obra. Fizeram a capa, desenharam os personagens da história, elaboraram lista com nome dos amigos, trabalharam com receitas, caça-palavras, produção de textos e situações-problema.

A finalização do projeto foi feita com a apresentação do teatro sobre a história.

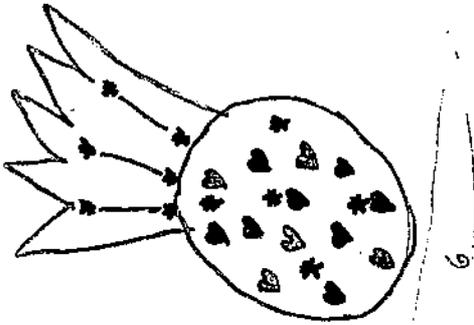
Segue o trabalho com o livro "O coelhinho que não era de Páscoa", de Ruth Rocha.



PASCOA:

PASCOA

FELIZ PASCOA!



VIVIMOS TINHA AMIGOS E GOSTAVA MUITO DELES. VAMOS ESCREVER UMA LISTA COM O NOME DE SEUS AMIGOS?

THALITA

DANIEL

PAULO

VOCE SADE POR QUE O COELHO É UM SÍMBOLO DA PASCOA? VAMOS PESQUISAR?

SABIA QUE O COELHO É UM SÍMBOLO DA PASCOA?

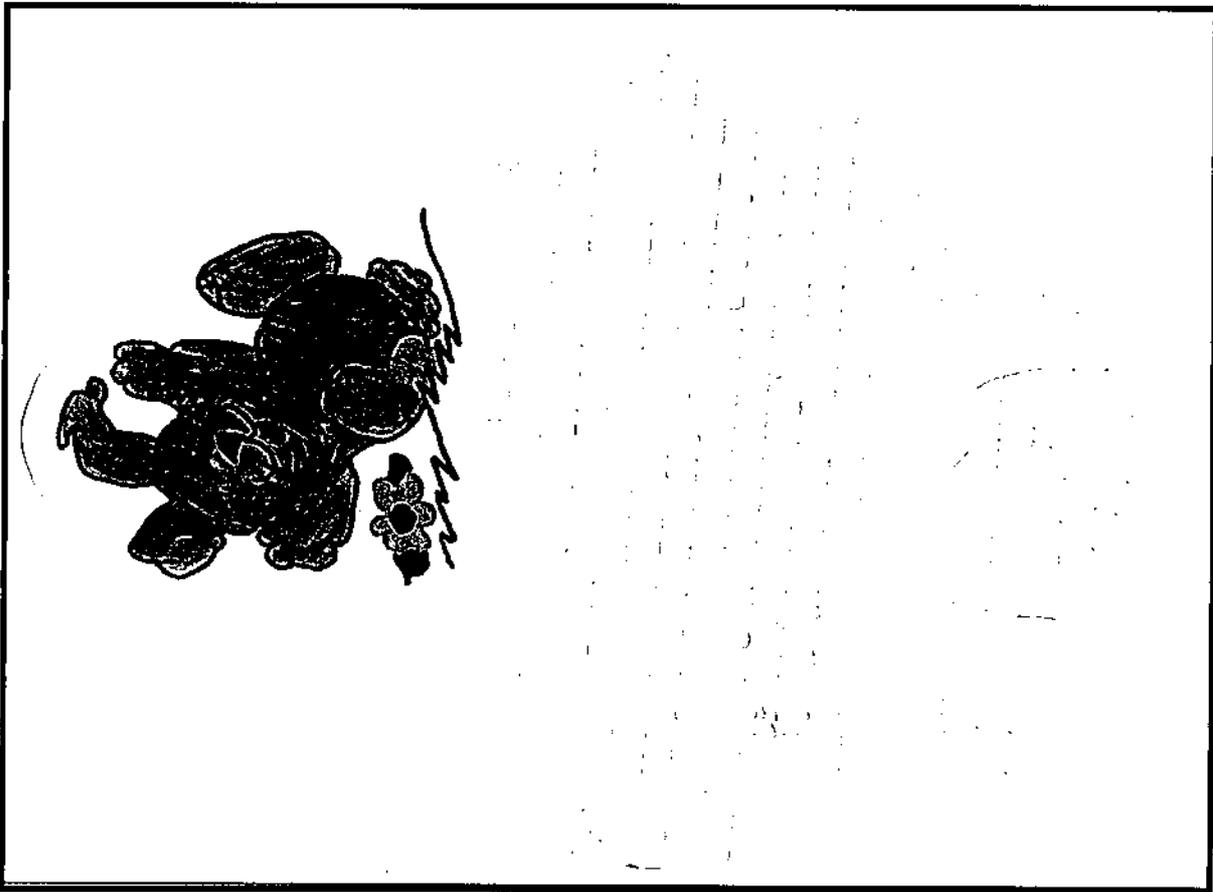
COMO FOI ELA?

LINDA PASCOA!

DE

PAULO

5



Para ajudar,
 vamos a resolver
 esse problema? ESCOLHA UMA
 MATEMÁTICA:

A) VIVIANO TEM 10 OVOS PARA
 REPARTIR ENTRE 2 CRIANÇAS.

CADA CRIANÇA IRÁ RECEBER 5 OVOS.

B) VIVIANO FEZ 12 OVOS PARA QUE SEUS
 3 IRMÃOS ENTREGASSEM.

CADA COELHO IRÁ ENTREGAR 4 OVOS.

60

Outra atividade da roda da leitura é o resultado do trabalho feito sobre os animais e o livro foi escolhido devido ao grande interesse das crianças por macacos.

O livro escolhido foi "Uma história com mil macacos", de Ruth Rocha.

Novamente, as crianças afastaram as mesas e sentaram-se no chão, formando um círculo; sentei-me com elas e, mostrando a capa do livro, li o título da história. Ficaram admiradas com a quantidade de macacos e questionando sobre o que poderia acontecer na história, obtive respostas diversificadas.

Antes mesmo de conhecerem a história, essas crianças trouxeram para a leitura o que vivenciam no cotidiano, estabelecendo uma relação do livro com a vida. Ficou bem enfatizada a importância de se preservar o meio ambiente; a preocupação com o fogo na mata que prejudica os animais.

Também foram capazes de antecipar, levantar hipóteses sobre o conteúdo do livro, acionando conhecimentos que o leitor tem fora daquele conteúdo.

Enquanto eu lia, as crianças prestavam atenção ao enredo, rindo com as situações engraçadas que apareciam. Terminada a leitura, perguntei o que acharam da história e todos começaram a falar ao mesmo tempo, excitados, envolvidos falavam juntos esquecendo de levantar a mão, demonstrando prazer e alegria na atividade. Tive que intervir novamente, pedindo que levantassem as mãos e esperassem a vez de falar.

A estratégia que planejei permitia este enredamento do aluno com aluno, da história com os alunos, da professora com os alunos, etc.

Após tudo isso pedi para que escrevessem e desenhassem o que acharam da história.

Durante a atividade, as crianças conversaram animadamente sobre o desenho e, após terminarem, algumas foram até a frente da sala fazer uma leitura compartilhada da produção que fizeram.

Segue o trabalho com o livro "História de mil macacos", de Ruth Rocha.

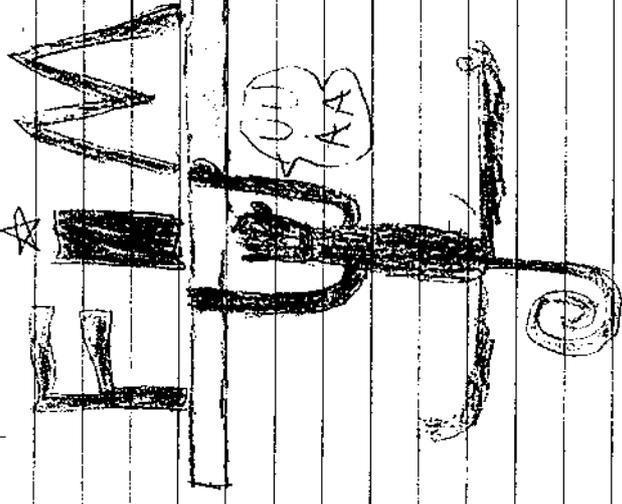
Nome William data: 05/07/05

Meu sobrenome é histórico

mas eu acho o meu
muito desligado. E também

embora eu deprimido
se idontor. Percebi nos
pianos. Mas hoje me sinto

se idontor. Lembro que nos
questão um ou dois minutos



nome: Lina de Souza Histórico: Ela

Nome: ela mesma

Nome: Lina

Exorta a que. Você acha de história

Eu acho a história que a sua história
é muito mais bonita do que a sua história
é muito mais bonita do que a sua história

Eu acho a história que a sua história
é muito mais bonita do que a sua história
é muito mais bonita do que a sua história

Eu acho a história que a sua história
é muito mais bonita do que a sua história
é muito mais bonita do que a sua história



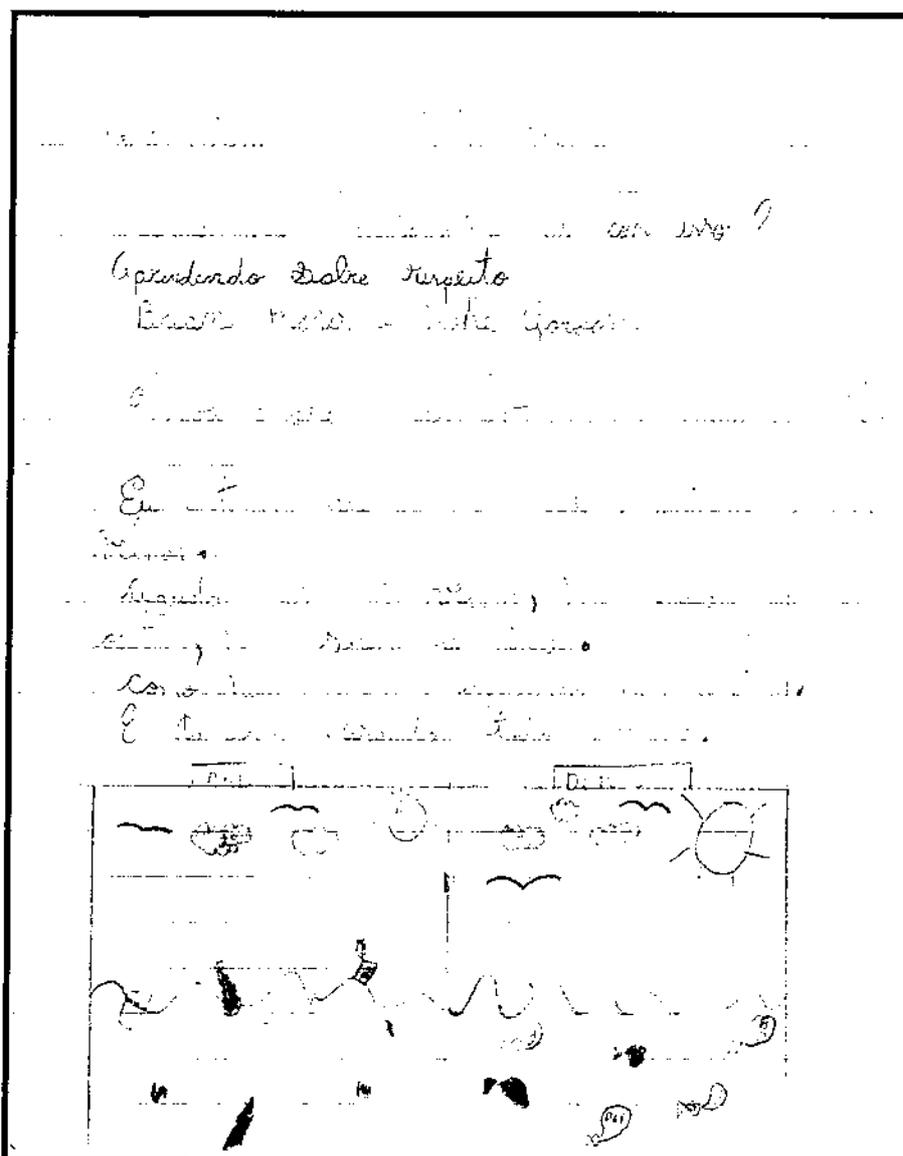
Através destas produções de textos percebe-se que o livro atingiu o objetivo proposto, pois as crianças entenderam a importância do enredo e das personagens.

Outra atividade desenvolvida está relacionada com o tema "respeito", valor muito importante, pois para se viver em uma sociedade é preciso que respeitemos para sermos respeitados.

O livro escolhido foi "E eu com isso?!" Aprendendo sobre respeito (Brian Moses e Mike Gordon), que faz parte da Coleção valores. A leitura foi realizada de uma forma diferente: em cada parte do texto, eu questionava sobre o que estava sendo lido. As crianças participavam dando exemplo do cotidiano.

Quando terminei a leitura bateram palmas e, então, entreguei uma folha para que escrevessem e desenhassem sobre "respeito".

Seguem os trabalhos com o livro "E eu com isso?!", de Brian Moses e Mike Gordon.



Essa produção de texto da aluna aponta valores com as pessoas e a ilustração mostra que a aluna tem consciência sobre a importância da preservação do meio ambiente, o que também faz parte do respeito.

Em geral na maioria das produções, os alunos mostram que relacionam a história com o que vêem e assistem sobre a destruição da natureza.

Nome: Larissa Data: 02/05/08

... e se com isso?

Aprendendo sobre respeito

... ..

Escreva o que vocês entenderam sobre respeito:

Eu entendi que tem que respeito
 os pais, vó, o pai e os mais os
 tia, os vó, os parentes e os meus amigos
 da escola e a professora quando a
 professora está falando.

Nesse texto a aluna escreveu sobre o que foi falado no livro e comentado na classe, envolvendo as pessoas que vivem ao seu redor.

Concluindo, nas duas produções as crianças se prendem momentaneamente ao enredo e depois apresentam sua leitura.

▪ Resultados:

Observando as crianças, suas produções, seus interesses, suas participações, considero que as atividades nesta escola, EMEF Vale Verde, tiveram um desenvolvimento satisfatório.

Enquanto eu lia, as crianças ficavam atentas, acompanhando o enredo, faziam comentários quando solicitados e, realmente, houve o enredamento de aluno com aluno, da história com os alunos, professora com alunos, etc.

Houve diferentes interpretações sobre uma mesma história, muitas opiniões e julgamentos sobre a ação de personagens que os alunos relacionam com o seu cotidiano.

Enquanto realizavam atividades relacionadas à produção de desenhos, percebi que as crianças sentiam grande necessidade de olhar o livro. Apresentavam um sentimento de que suas próprias produções poderiam não ser tão boas quanto àquelas ilustrações.

Para trabalhar essa insegurança, procurei intervir para que não copiassem os desenhos, lhes mostrando a importância da criação de outros textos visuais, mais próximos do que queriam dizer e podiam fazer.

As atividades desenvolvidas com o livro "O coelhinho que não era de Páscoa" e "A Margarida Friorenta" foram finalizadas com a apresentação de peças teatrais.

Fiquei muito surpresa com a empolgação das crianças com as atividades desenvolvidas.

2. Escola B – Centro Educacional SESI 234

▪ Obras utilizadas:

1. ROCHA, Ruth. **O menino que aprendeu a ver**. Editora Quinteto, 1998.

O livro conta a história de um menino que não conhecia as letras; não sabia ler. Ele começou a freqüentar a escola e, a partir daí, passou a ver tudo que estava ao seu redor (nomes dos lugares, nomes do ônibus, dos estabelecimentos).

2. ROCHA, Ruth. **O coelhinho que não era de Páscoa**. Editora Ática, 2004.

É a história de uma família de coelhos cuja profissão era “entregar ovos de Páscoa”. Um dos coelhinhos, Vivinho, não queria esse trabalho e sua família não aceitava. Perto da Páscoa seus pais não encontraram ovos para comprar e Vivinho teve a chance de mostrar que sua vocação estava em fazer os ovos e não as entregas.

3. ROCHA, Ruth. **Uma história com mil macacos**. Editora Ática, 2003.

Conta a história de um cientista que precisava de macacos para realizar experiências. Foi ao correio e pediu para o Zeca telegrafista mandar um telegrama a um amigo na Transamazônica, solicitando 1 ou 2 macacos. A mensagem foi passada errada e não parou mais de chegar macacos na cidade.

4. MOSES, Brian & GORDON, Mike. **E eu com isso?! Aprendendo sobre respeito**. Coleção Valores.

Esse livro trata, com situações do dia-a-dia, sobre o respeito, o auto-respeito.

5. FONTAINE, J. Fábula de Esopo. **A coruja e a águia**. Editora Scipione, 1998.

Essa fábula conta um trato que foi feito entre a coruja e a águia porque esta sempre comia os filhotes da coruja. Esse trato não deu certo porque a águia prometeu não comer mais filhotes lindos e, se para a coruja seus filhotes eram lindos, para a águia eram monstrenhos.

6. ALMEIDA, Fernanda L. **A Margarida Friorenta**. Editora Ática, 1997.

Conta a história de uma margarida que vivia no jardim e, certa noite, começou a sentir frio. A borboleta azul levou-a para o quarto da menina Ana Maria. A menina tentou várias coisas para aquecê-la: colocou blusa, construiu uma casa...

Só depois a menina entendeu que aquele frio da margarida era falta de calor humano. Bastou um beijo e o frio passou.

7. AZEVEDO, Ricardo. **Meu nome é gato**. Ediouro, 1999.

Um gato conta como é a sua vida no dia-a-dia, seus gostos, suas manias e seu jeito de ser. Mora em três casas ao mesmo tempo, e é convencido se achando melhor que os outros animais.

8. OTERO, Regina & RENNÓ, Regina. **O lúdico no conhecimento do ser**. Editora do Brasil, 1994

- “Você pode escolher”
- “Apelido não tem cola”
- “Ninguém é igual a ninguém”
- “Coração que bate sente”

Essa coleção foi escolhida para trabalhar sobre os sentimentos. A entidade pediu para cada professor elaborar e trabalhar durante uma semana o tema “Conflitos na escola”. Eu optei por trabalhar essa coleção que envolvem atividades diversificadas referente aos conflitos.

▪ Objetivos:

- Perceber nas práticas diárias de leitura seus diferentes propósitos de ler: para se informar, resolver problemas, buscar dados específicos, como entretenimento, entre outros;
- Relatar histórias cotidianas, a partir de situações vividas e imaginadas, manifestando sentimentos, opiniões, idéias, buscando clareza e ordenação da fala;
- Escutar, interpretar e reproduzir histórias oralmente, compartilhando idéias e preferências a respeito das leituras realizadas;
- Reconhecer a importância do “eu”, do “outro” e de “nós”, enquanto grupo social, valorizando as experiências de vida de cada um.

▪ Aplicação e relato de algumas atividades trabalhadas na roda da leitura:

Na escola B, Centro Educacional SESI 234, o sistema é ciclo, igual a escola A, mas como eu os acompanho desde o início da alfabetização (2004), posso avaliá-los de uma outra forma, pois no início do ano letivo de 2005, a classe já se encontrava no nível alfabético.

Nessa escola também foi realizada a “roda da leitura” com os livros citados.

O mesmo procedimento foi adotado em relação aos livros de leitura, mostrando as ilustrações ou leituras interrompidas com questionamentos e verificação do entendimento, do sentimento e interesse dos alunos.

Também houve o desenvolvimento de outras atividades como confecção de móveis, livros sobre a história, produção de textos e histórias em quadrinhos, apresentação de peça teatral, debates, experiências do cotidiano dos alunos e exposição dos trabalhos.

Foram atividades através das quais também tive a preocupação de interferir no intuito de estimular a classe, de conseguir adesão à proposta.

Para iniciar o trabalho, fomos à sala de leitura e, após pegarem o tapete, sentaram-se em círculo.

Semelhante ao procedimento na escola A, os alunos levantavam hipóteses quando eu questionava e havia muita curiosidade pelo enredo.

A classe também ficou muito curiosa para que se comesse a leitura e, depois, enquanto eu lia, todos prestavam muita atenção, acharam graça e no final batiam palmas.

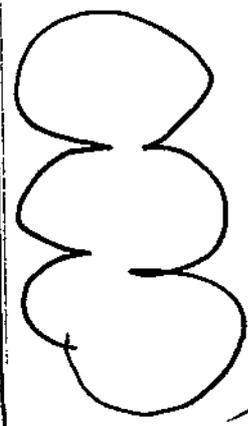
Perguntei o que acharam da história e logo começaram a falar ao mesmo tempo; por ser uma classe numerosa (40 alunos), tive que intervir várias vezes para que se organizassem com as respostas.

Após as discussões, as crianças confeccionaram um livro com base na obra. Fizeram a capa, desenharam os personagens da história, elaboraram lista com nomes dos amigos, trabalharam com receitas, caça-palavras, produção de texto e situações-problema. Após a execução das atividades, a finalização do projeto foi feita com uma apresentação teatral sobre a história de Ruth Rocha.

Trabalho com o livro: “O coelhinho que não era de Páscoa”, de Ruth Rocha

PÁSCOA:

~~"Páscoa" passou por um longo processo de evolução para chegar à palavra que conhecemos hoje. Há quem diga que a palavra vem do grego "pascha", que significa "passagem", referindo-se à passagem da noite para o dia. Outros acreditam que vem do hebraico "pascha", que significa "passagem", referindo-se à passagem do Egito para a terra prometida. Há também quem diga que vem do latim "pascha", que significa "passagem", referindo-se à passagem da noite para o dia.~~



CEGA - PALAVRAS

VAMOS ENCONTRAR AS PALAVRAS?

C	L	P	E	L	O	S	P	T	I	S
O	L	H	O	S	M	N	A	T	U	
M	L	D	A	C	H	B	O	C	A	S
E	A	M	B	A	L	H	O	T	A	S
F	O	C	I	N	H	O	Q	P	O	E
N	L	U	V	X	R	A	B	O	X	U
M	B	C	F	C	E	N	O	U	R	A
P	A	T	A	S	F	R	S	U	X	V
O	T	P	O	R	E	L	H	A	S	I
V	P	C	M	N	M	S	S	A	D	
O	U	C	B	I	G	O	D	E	S	A

- SIGODES
- DEHOS
- PELOS
- GENOURA
- SOCA
- ORENAS
- RABO
- OTO
- FOCINHO
- PATA S
- GAMBALHOTAS
- VIDA

VAMOS AJUDAR
VIVINHO A RESOLVER
SEU PROBLEMA? RESOLVA DESE-
NHANDO:

A) VIVINHO TINHA 10 OVOS PARA
REPARTIR ENTRE 2 CRIANÇAS.



CADA CRIANÇA IRÁ RECEBER 5 OVOS.

B) VIVINHO FEZ 12 OVOS PARA QUE SEUS
3 IRMÃOS ENTREGASSEM.



CADA COELHINHO IRÁ ENTREGAR 4 OVOS

Outra atividade da roda da leitura é o resultado do trabalho feito sobre os animais.

O livro escolhido foi "Uma história com mil macacos", de Ruth Rocha.

Fomos para a sala de leitura e fizemos a roda, acomodando-nos em tapetes colocados no chão. Quando li o título, houve a mesma reação da escola A, os alunos assustaram-se com a quantidade de macacos.

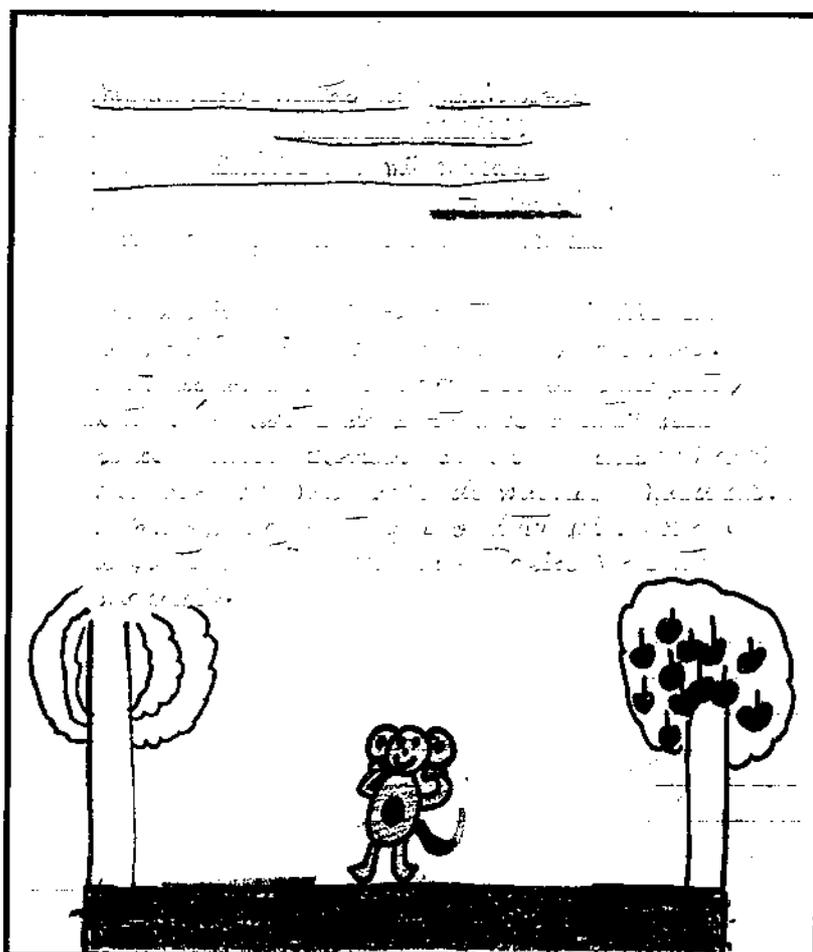
Mostrando a capa do livro, perguntei se sabiam o que iria acontecer.

Nessa classe percebi que associavam o desenho da capa do livro com o que achavam que iria acontecer, enfatizando a bagunça que eles estavam fazendo.

Quando li a parte em que chegou o segundo engradado de macacos na cidade, percebi a preocupação dos alunos em relação ao lugar em que os macacos seriam guardados.

Os alunos adoraram o final da história em que o Zeca telegrafista havia virado babá de macacos.

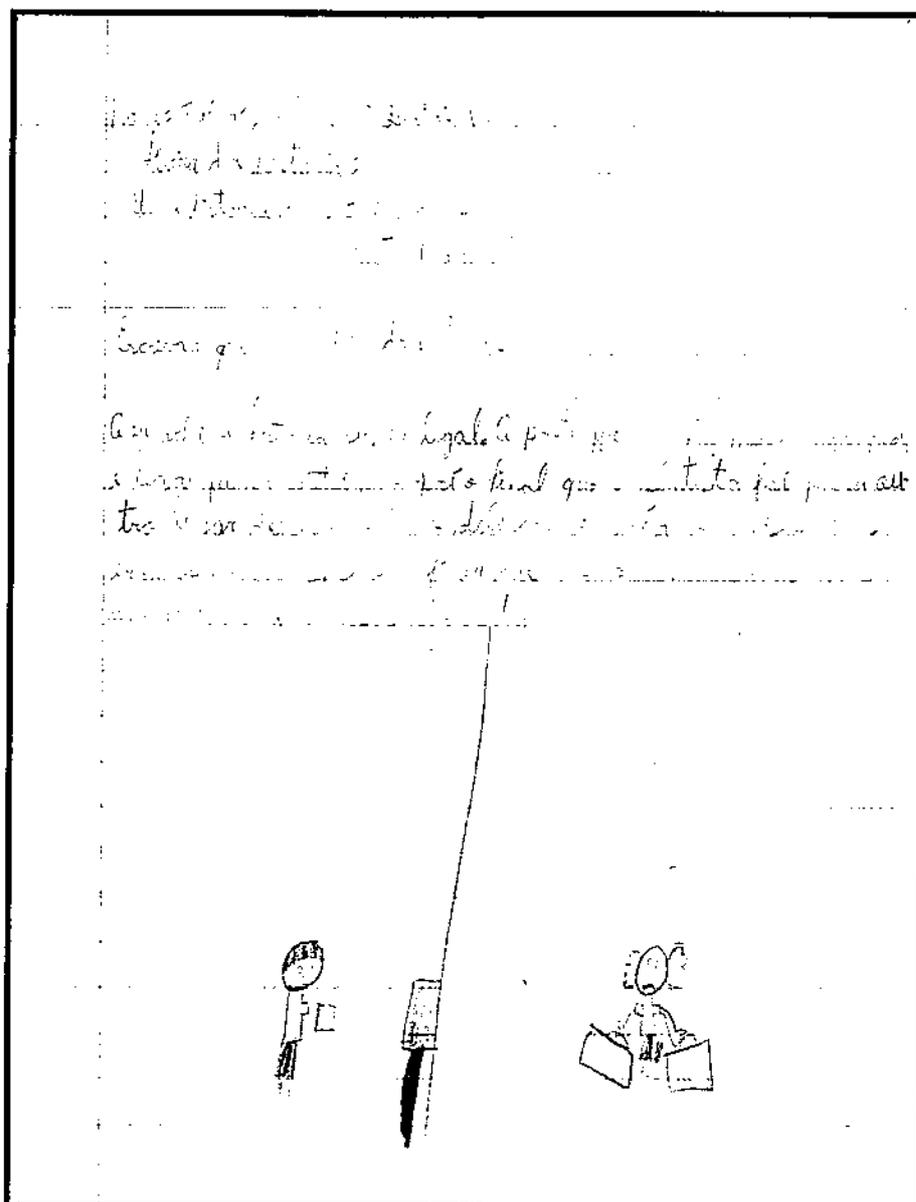
Depois da leitura pedi que escrevessem e desenhassem o que entenderam e eis algumas produções:

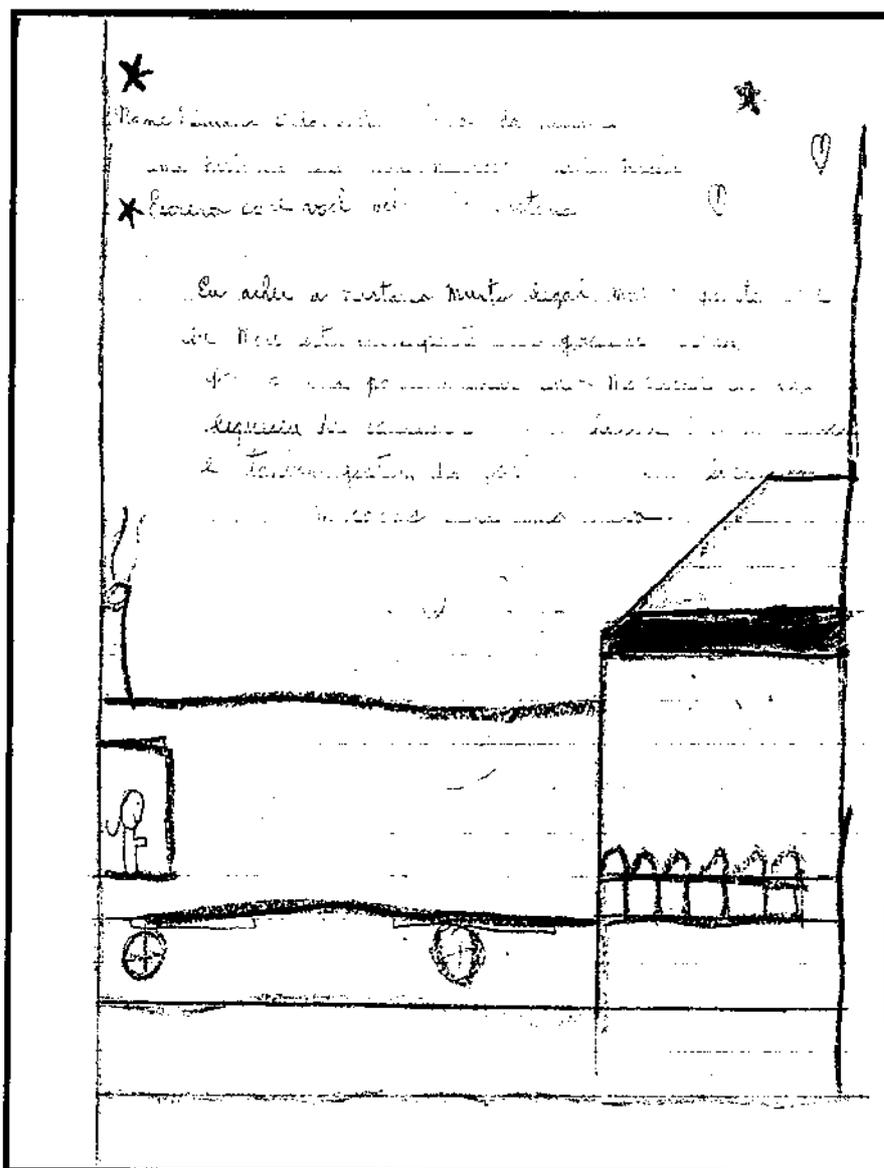


leone p. 100. 11. 12. 13. 14. 15

de la isla

Nessas produções percebe-se que os alunos gostaram da parte em que a palavra “não” entra na mensagem por engano e do final em que o Zeca vira babá de macacos e o doutor foi embora.





Nas duas produções as alunas gostaram do final da história em que o Zeca vira babá de macacos, elas gostaram do tom ambíguo da palavra bens, o que provocou humor. Na segunda, a aluna percebeu o que pode acontecer quando esquecemos uma letra na mensagem. Concluindo, as produções destacam as mesmas cenas do enredo mas, as ilustrações são bastante diferentes.

Também nessa escola trabalhei o livro "E eu com isso?! Aprendendo sobre respeito", de Brian Moses e Mike Gordon.

A leitura foi realizada como na escola A, propiciando questionamentos e fazendo com que os alunos também participassem ativamente, dando exemplos de situações que viveram relacionadas com a história.

Voltamos à sala de aula, entreguei uma folha para que fizessem uma produção de texto, tendo como tema o respeito.

Nas duas produções percebe-se que os alunos relataram atitudes presentes na leitura, nada além do que foi debatido em classe e isso mostra o quanto a discussão coletivamente do livro contribui para o enriquecimento e troca de idéias, opiniões, posicionamentos.

▪ Resultados:

As atividades também tiveram um desenvolvimento satisfatório. Tive um pouco de dificuldade para manter a atenção de todos, pois é uma classe com 40 alunos. Enquanto lia a história a maioria ficava atenta, acompanhando o enredo.

Às vezes tive que parar para organizar melhor o grupo porque, na empolgação, todos queriam falar ao mesmo tempo.

Houve também diferentes interpretações sobre uma mesma história, muitas opiniões e julgamentos sobre a ação de personagens que os alunos relacionam com o seu cotidiano. Os alunos dessa escola têm muita necessidade de falar, gostam de ler na frente da classe suas produções, são muito participativos.

As atividades desenvolvidas com o livro “O coelhinho que não era de Páscoa” foram finalizadas com apresentações de peças teatrais.

A Coleção que trabalhou os sentimentos envolvendo os quatro livros citados foi desenvolvida durante uma semana e foi seguida de vários debates a respeito de cada tema. Para finalizar, os alunos fizeram uma exposição, no pátio, com as suas produções.

Houve muitos comentários sobre situações vivenciadas pelos alunos.

Essa classe não me surpreendeu muito porque já tinha consciência de que são muitos participativos e interessados.

O que me surpreendeu foi os alunos que não gostavam de ler, pedirem para ler um livro para a classe. Percebe-se que estão começando a construir o gosto pela leitura, junto com outros leitores, tendo acesso a livros e práticas de leitura compartilhada.

3. Comparação dos Resultados nas duas Escolas

Depois de trabalhar com atividades diversificadas envolvendo a literatura infantil em duas escolas de diferentes realidades, cheguei a conclusão de que não existem receitas certas e infalíveis para formarmos nosso aluno leitor. Devemos

conhecê-lo e conhecer a comunidade em que a escola está inserida. Devemos ter um projeto cuidadosamente pensando para agirmos com consistência, de forma articulada nesta função.

A compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de estratégias para facilitar a interação texto-leitor. Ler um texto representa um esforço na busca de seus sentidos, de suas intenções e, para que esta atividade se processe de forma prazerosa, é fundamental preparar o aluno e colocá-lo em contato com o texto desde cedo.

Nas duas escolas, enquanto trabalhava com a roda da leitura, sempre procurei provocar questionamentos referentes à história lida.

Esse tipo de mediação, segundo Geraldi (1984), é o de apontar certas coisas que o próprio texto traz como intenção de dizer. O texto literário faz as pessoas pensarem sobre o mundo que não vivem através das histórias e personagens, levando-as a refletirem sobre o mundo em que elas vivem, num trabalho de elicitación, no qual eu, como leitora mais experiente que os alunos, sou capaz de formular outras questões sobre o texto, promovendo a reflexão. Nesse processo, sou a interlocutora do leitor, do texto e do autor, numa relação triádica.

Comparando o desenvolvimento dos alunos das duas escolas, acabei me surpreendendo, pois acreditava que junto aos alunos da escola A, por ser afastada da cidade, com crianças de um nível socioeconômico baixo, a leitura não iria acontecer com prazer. Felizmente, estava muito enganada! Senti que a cada dia os alunos se interessavam mais, sentindo prazer pela leitura.

A escola A não deixou nada a desejar frente a escola B, por pertencer a um nível socioeconômico melhor, tem maiores condições de contato com a leitura.

Depois de executar as atividades, passei a concordar com LABOV, citado por SOARES (1986), que em sua tese deixa explícito que as crianças pertencentes às classes socialmente desfavorecidas dispõem de um vocabulário básico exatamente igual ao de qualquer outra criança; dominam dialetos que são sistemas lingüísticos perfeitamente estruturados; possuem a mesma capacidade para a aprendizagem conceitual e para o pensamento lógico; narram, raciocinam e discutem com mais eficiência que as crianças pertencentes às classes favorecidas. No entanto, podem ser diferentes.

Relatando a minha observação de um modo geral, senti que a cada dia os alunos estavam se interessando mais pela leitura. Mesmo aqueles que não são

alfabetizados, aumentavam o seu interesse em ter contato com os livros infantis. Portanto, o fato de não serem alfabetizados, não invalida a tese de entender o encontro das letras com livros.

Sei que a parte principal para tornar o aluno leitor cabe ao professor, que deverá utilizar práticas que permitam ao aluno construir seu conhecimento sobre diferentes gêneros textuais, ou seja, um leitor competente só pode constituir-se mediante a prática constante da leitura, por meio da diversidade textual que circula socialmente.

O professor deverá permitir em sala de aula várias leituras, já que o significado do texto se constrói pela interpretação do leitor a partir do seu conhecimento prévio e do que é apresentado.

Finalizando, Bordini (1985, p. 18) diz que:

“considerando a natureza da literatura, pode-se afirmar que se o professor está comprometido com uma proposta transformadora de educação, ele encontra no material literário o recurso mais favorável à consecução de seus objetivos”.

Por mais difícil que for a realidade em que a escola esteja inserida, a contribuição do professor em relação às leituras objetivadas e programadas é modificar as condições de produção do aluno, dando oportunidade para que ele construa sua história de leituras, o que significa colocar desafios à sua compreensão, sem deixar de lhe proporcionar condições para que esses desafios sejam assumidos de forma coerente.

VI. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou um relato sobre o desenvolvimento de atividades através da literatura infantil, para construir junto às crianças o gosto pela leitura, principalmente às provenientes das camadas populares.

Durante o desenvolvimento deste trabalho, ficou claro que a aprendizagem da leitura é um processo que envolve vários fatores, que vão do tempo disponível dos alunos para a interação com os livros, até ao incentivo por parte da família e dos professores.

Durante as atividades desenvolvidas nas duas escolas de diferentes realidades, o trabalho foi organizado de tal forma que a leitura é vista como algo importante para a formação do indivíduo como um todo. Sendo assim, as estratégias visavam a que as crianças experimentassem a leitura de diferentes maneiras (silenciosa, individual, compartilhada, feita oralmente pela professora ou colegas, em grupos, ouvidas num CD) e mostrando que a leitura pode acontecer em diversos lugares (roda de leitura, biblioteca de classe, biblioteca da escola). Além disso, também foi proporcionada às crianças a interação através de debates, conversas e ilustrações das obras. Dessa forma, elas puderam vivenciar a leitura como “algo vivo”, como um movimento, visto que, ao interagir com o outro, o sujeito se transforma, amplia seus conhecimentos, modificando sua forma de agir e pensar sobre a realidade.

Outro ponto a ser destacado dentro do processo de formação de leitores é o papel do professor como mediador, visto que também se apresenta como um leitor por participar do processo, organizando situações de leitura e sendo de fundamental importância no ensino, pois o gosto por esta atividade às vezes emerge por meio de diálogo entre ele e o aluno na real valorização um do outro. O professor pode criar um ambiente motivador para as situações de leitura, bastando para isso imaginação e organização.

Outro aspecto a destacar é a qualidade e a variedade dos livros escolhidos que devem apresentar diferentes gêneros, uma vez que não formamos leitores com apenas um gênero literário. É necessário apresentar um leque de possibilidades para que as crianças experimentem diferentes situações e construam as suas

próprias histórias de leitura. Também é de fundamental importância que a leitura tenha um valor cultural e que o trabalho com a literatura seja envolvente, para que as crianças possam vivenciá-la como algo prazeroso e importante para a sua formação como indivíduos.

O que podemos concluir deste trabalho é que houve uma mudança na visão referente às diferentes realidades escolares, sendo por mim observado que a classe social parece não determinar o gosto pela leitura. Independente da realidade socioeconômica e cultural, as crianças precisam ser estimuladas a terem contato com a leitura desde cedo (a escola deve respeitar seus padrões culturais), oferecer livros, livros às mãos, deixa-los ler, apreciar diferentes livros, falar sobre eles, conviver com eles, pois não se produz um leitor de um dia para o outro.

Nesse sentido, tanto a formação do aluno quanto a dos professores como leitores estão sempre em movimento, em constante construção e reconstrução.

O aluno se interessará pela leitura em sala de aula se esta preencher as necessidades de sua vida; se criar o desejo de expansão sensorial, emocional e cognitiva, levando-o a querer mais.

Sendo assim, professores juntamente com seus alunos podem, através da literatura, aprimorar seus conhecimentos e desenvolver o gosto pelas práticas da leitura. Nenhum professor precisa ser especialista em literatura para ampliar o gosto pela leitura nas crianças: basta usar a sua coerência na organização de um programa e de um ambiente motivadores. Deve ter um projeto de educação de leitores que se desenvolva de forma constante, sistemática, intencional, ouvindo seus alunos, desafiando-os para ampliar seu universo cultural.

V. RECOMENDAÇÕES

Segundo J. W. Geraldi (1984), alguns procedimentos merecem ser enfatizados no processo de promoção da leitura. Recuperamos aqui tais procedimentos no sentido de orientar ainda melhor os leitores deste TCC.

O clima de sala de aula

A fim de estimular a participação do aluno na leitura, o professor deverá ter a responsabilidade de estabelecer, em sala de aula, situações abertas e flexíveis que, além de possibilitarem a interação professor-classe, abrirão caminhos para a interação aluno-texto.

O diálogo do professor com a classe é importante porque vai estabelecer um caminho de mão-dupla, isto é, a troca de experiências, fazendo com que cresçam juntos no processo.

Quando se fala em situações abertas e flexíveis, não se quer dizer que as atividades devam correr de forma aleatória e improvisada.

O tratamento do material de leitura

Numa atitude coerente com o desejo de formar um leitor crítico e criativo, precisa-se rever a postura do professor no tratamento do material de leitura.

Na inter-relação leitor-texto, é óbvio que o professor seja um conhecedor privilegiado do texto. Isso não quer dizer que deva tolher a liberdade do aluno em fazer a sua própria leitura, aliás, pela sua capacidade, o professor deve valorizar aquela liberdade, fazendo com que o aluno sintam-se estimulado a ler cada vez mais e construindo o seu lado crítico e criativo.

Além de não impor sua leitura, deve-se evitar a utilização das pré-dirigidas sob a forma de perguntas-respostas e ou alternativas fechadas.

Seleção do material de leitura

O professor pode selecionar, graduar e diversificar o material de acordo com as necessidades e interesses dos seus alunos, mas desde que esses cuidados não sejam só do professor. O que ele realmente precisa é saber estimular na criança à

livre-escolha daquilo que ela gostaria de ler. Seu papel será de mediador e incentivador dessas leituras, mantendo leitores incansáveis e sempre atualizados.

Sugestões para desenvolver a leitura

Observando o que ocorre na prática com as crianças que se situam nas séries iniciais, percebe-se que o desenvolvimento da leitura é possível, pois, ao entrar na escola, a criança, independente do domínio da palavra escrita, já é capaz de falar sobre as suas experiências e sobre o mundo que a rodeia.

Para incentivar esta leitura, é necessário transformar a escola e a sala de aula em ambientes estimuladores das mais variadas situações, manifestando livremente a compreensão e o questionamento que fazem a partir das suas leituras.

Assim, as situações que estimulam essa "leitura do mundo" darão ensejo, na escola, a um trabalho conjunto com outras disciplinas, centrando as atividades nos temas relacionados ao contexto em que o educando está inserido. O trabalho conjunto vai proporcionar o diálogo com o educando de modo que ele venha a utilizar diferentes meios de expressão.

Portanto, todas as situações de aprendizagem que levem o aluno a fazer relatos orais, a dramatizar, a utilizar mímicas, dança, música e desenho, estarão proporcionando a manifestação dessa "leitura do real".

O trabalho com a oralidade deve ter continuidade ao longo de todos os ciclos e proporcionará ao educando outras visões do mundo, com as quais poderá dialogar, modificando, enriquecendo, questionando a sua própria realidade.

Ao iniciar os alunos na leitura, não se deve mostrar um livro único para que todos leiam, mas sim oferecer-lhes um leque de volumes variados, capazes de despertar-lhes o interesse. Deixemo-los folhear essa pequena biblioteca para que descubram e escolham o que possa interessar, pois dessa forma criarão o hábito da leitura, o gosto pelo livro.

Tais atividades desenvolvem a criatividade, auxiliam na formação do hábito de leitura e levam o aluno a se interessar cada vez mais pela leitura em sala de aula.

"Nada se faz por obrigação se faz com gosto". (QUEIRÓS, 1997, p. 24)

VI. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVICH. A importância das Histórias. In **Literatura infantil. Gostosuras e Bobices**, SP: Scipione, 1989.

AGUIAR, Vera Teixeira de e BORDINI, Maria da Glória. **Literatura a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

ALMEIDA, Fernanda L de. **A Margarida Friorenta**. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1997.

AZEVEDO, Ricardo. **Meu nome é gato**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1999.

BRAGATTO FILHO, Paulo. **Pela Leitura Literária na escola de 1º grau**. São Paulo: Editora Ática, 1995.

CASASANTA, Tereza. **Criança e literatura**. 4ª ed. Belo Horizonte: Editora Veja, 1974.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

CUNHA, Maria Antonieta. **A literatura infantil Teoria e Prática**. 12ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1993.

FRANTZ, Maria Helena Zancan. **O ensino da literatura nas séries iniciais**. Ijuí: Ed. Unijui, 2001.

GERALDI, J. W. **O texto em sala de aula Literatura e Produção**. Cascavel: Unicamp, 1984.

GÓES, Lúcia Pimentel. **Introdução à Literatura Infantil e Juvenil**. São Paulo: Pioneira, 1991.

GROTA, E. C. B. Formação do leitor: importância da mediação do professor. In **Alfabetização e Letramento: Contribuições para as práticas pedagógicas / Sérgio Antonio da Silva. (org.)**. Campinas, SP: Komedi: Arte Escrita, 2001.

LA FONTAINE, Jean de. A coruja e a águia. In **Fábulas de Esopo**. São Paulo: Scipione, 1998.

LAJOLO, M. e ZILBERMAN, R.. **A Formação da Leitura no Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1998.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Leitura, literatura e escola**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MEIRELLES, Cecília. **Para gostar de ler**. São Paulo: Ática, 1984.

MOSES, Brian e GORDON, Mike. **E eu com isso? Aprendendo sobre respeito**. São Paulo: Ática, 2004.

OTERO, Regina e RENNÓ, Regina. **Ninguém é igual a ninguém**. São Paulo: Editora do Brasil, 1994.

_____. **Coração que bate sente**. São Paulo: Editora do Brasil, 1994.

_____. **Apelido não tem cola**. São Paulo: Editora do Brasil, 1994.

_____. **Você pode escolher**. São Paulo: Editora do Brasil, 1994.

Projeto Político Pedagógico, EMEF Vale Verde. Valinhos/ SP, 2005.

Proposta Pedagógica, Centro Educacional SESI 234. Valinhos/ SP, 2005.

ROCHA, Ruth. **O menino que aprendeu a ver**. 2ª ed. São Paulo: Quinteto Editorial, 1998.

_____. **O coelhinho que não era de Páscoa**. 8ª ed. São Paulo: Editora Ática, 2004.

SILVA, Ezequiel T. **O ato de ler. Fundamentos psicológicos para uma nova pedagogia da leitura**. São Paulo: Cortez, 1984.

SILVA, Ezequiel T. e ZILBERMAN, R.. **Leitura – Perspectivas Interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 1991.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola. Uma perspectiva social**. São Paulo: Ática, 1986.

STRAUSZ, Rosa A. **Uma família parecida com a da gente**. São Paulo: Ática, 2003.

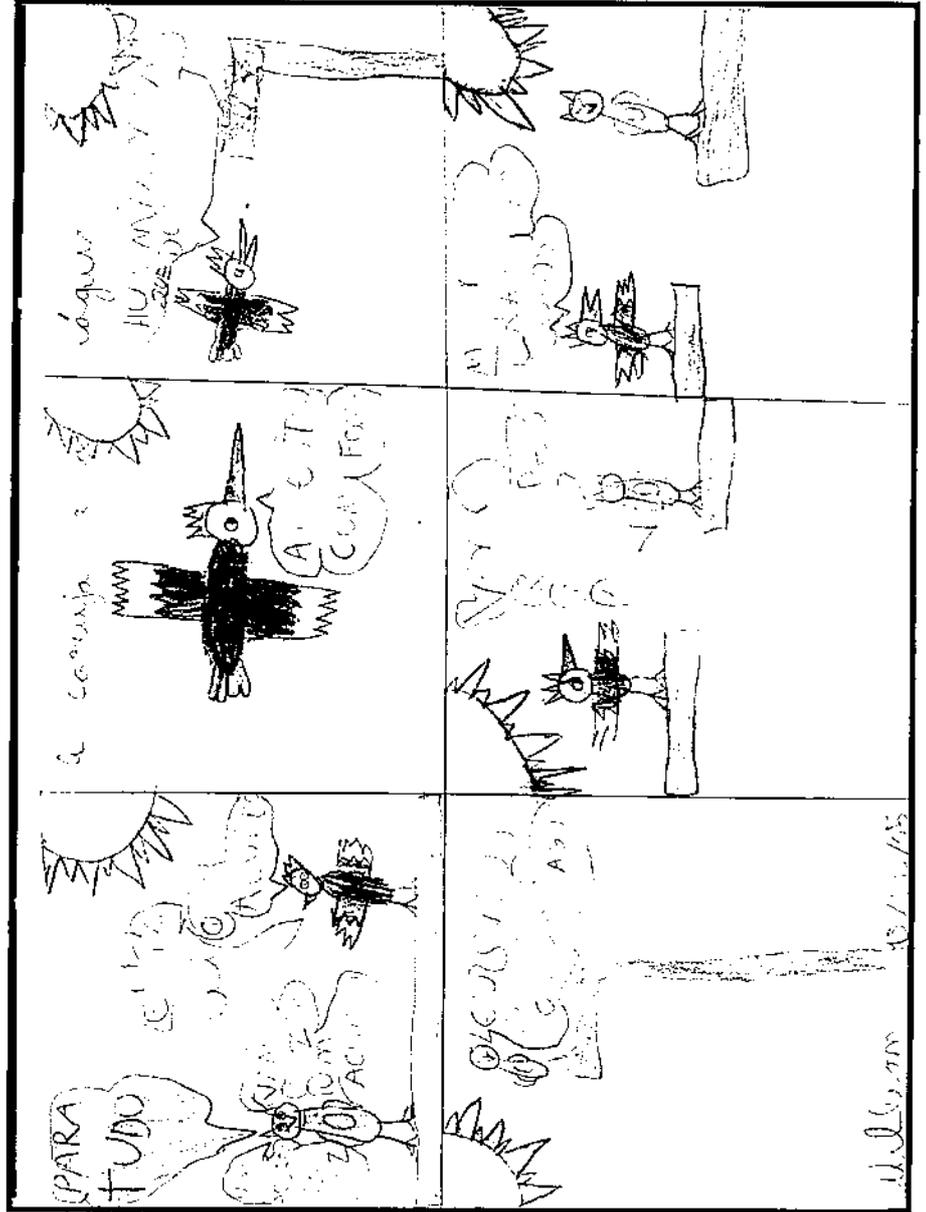
ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 1988.

_____. **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. 7ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1986.

ZILBERMAN, R. e MAGALHÃES, R. C. **Literatura Infantil: Autoritarismo e Emancipação**. São Paulo: Ática, 1982.

ANEXO 1 – ATIVIDADES DESENVOLVIDAS - HISTÓRIA EM QUADRINHOS
TRABALHANDO COM FÁBULAS DE ESOPHO
“A CORUJA E A ÁGUIA”

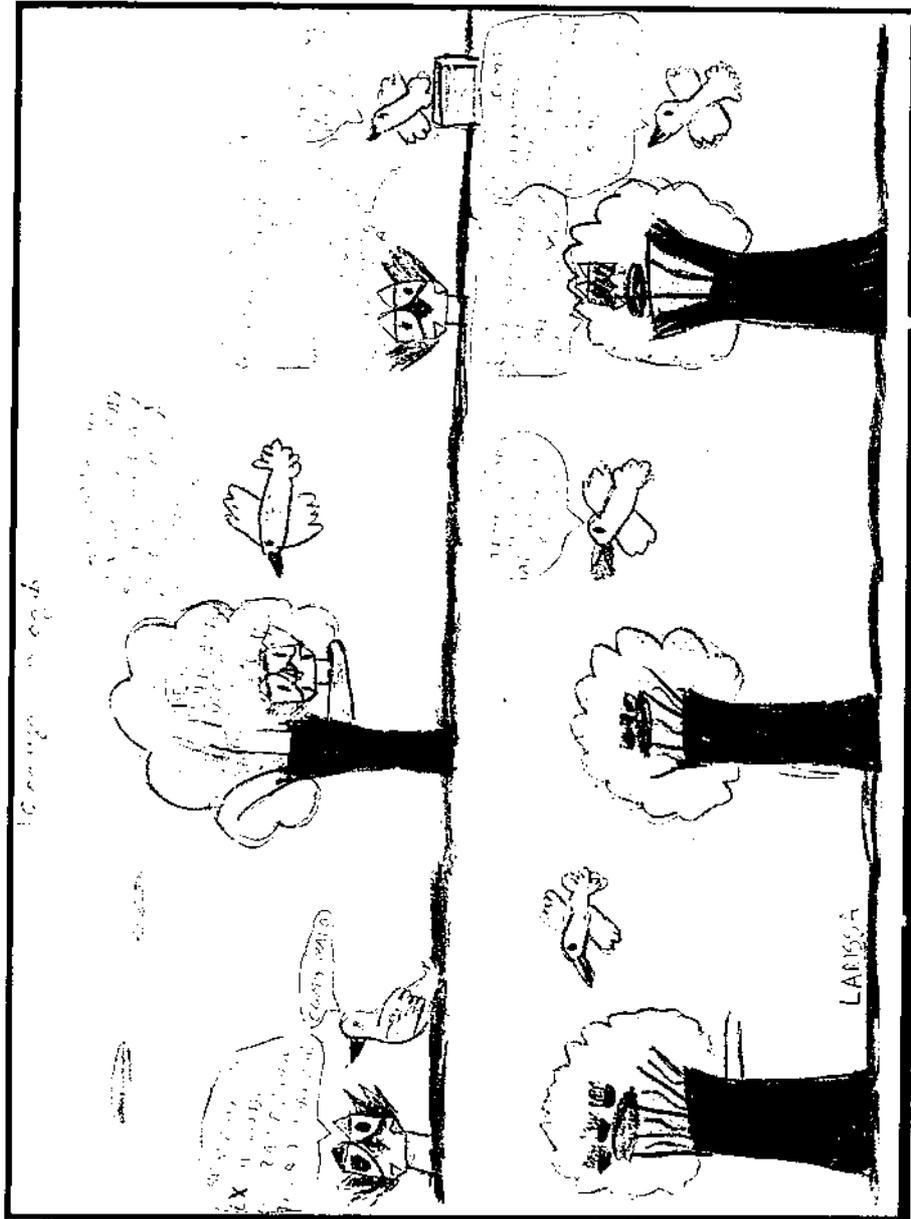
1. Escola A



Após a leitura da fábula, os alunos fizeram a história em quadrinhos.

Esse aluno fez sua história com o que ele entendeu, não ficou preso ao texto.

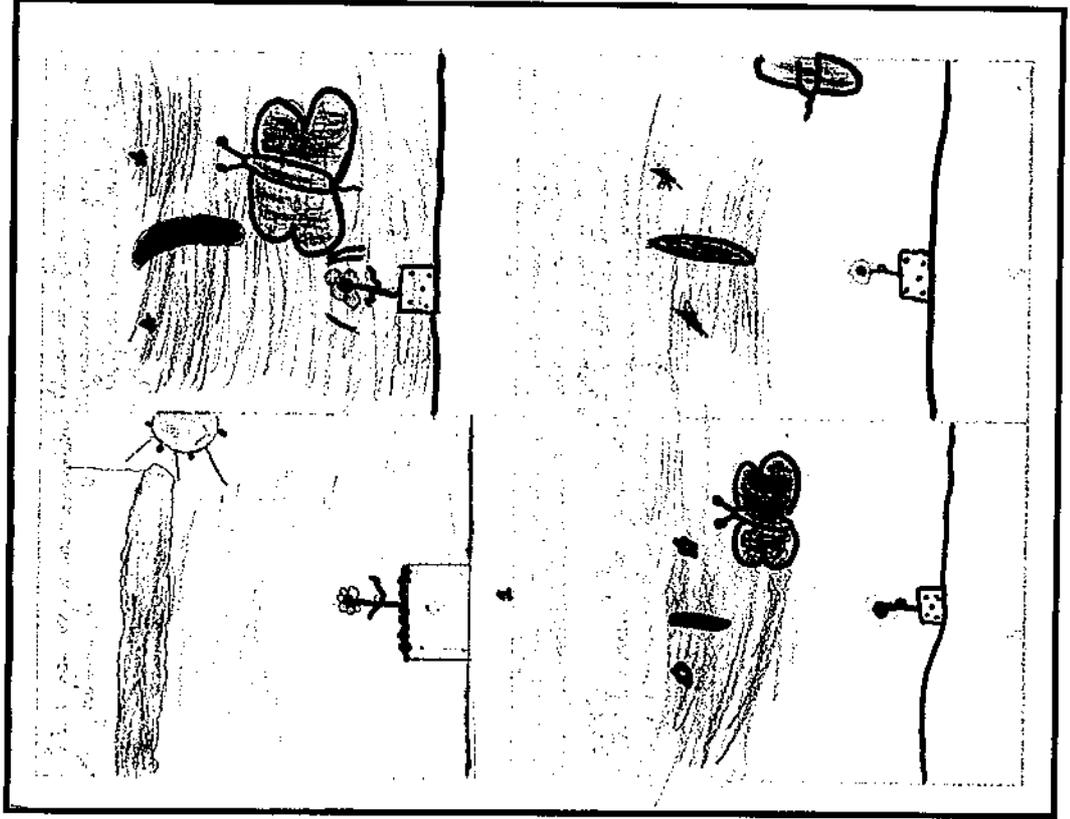
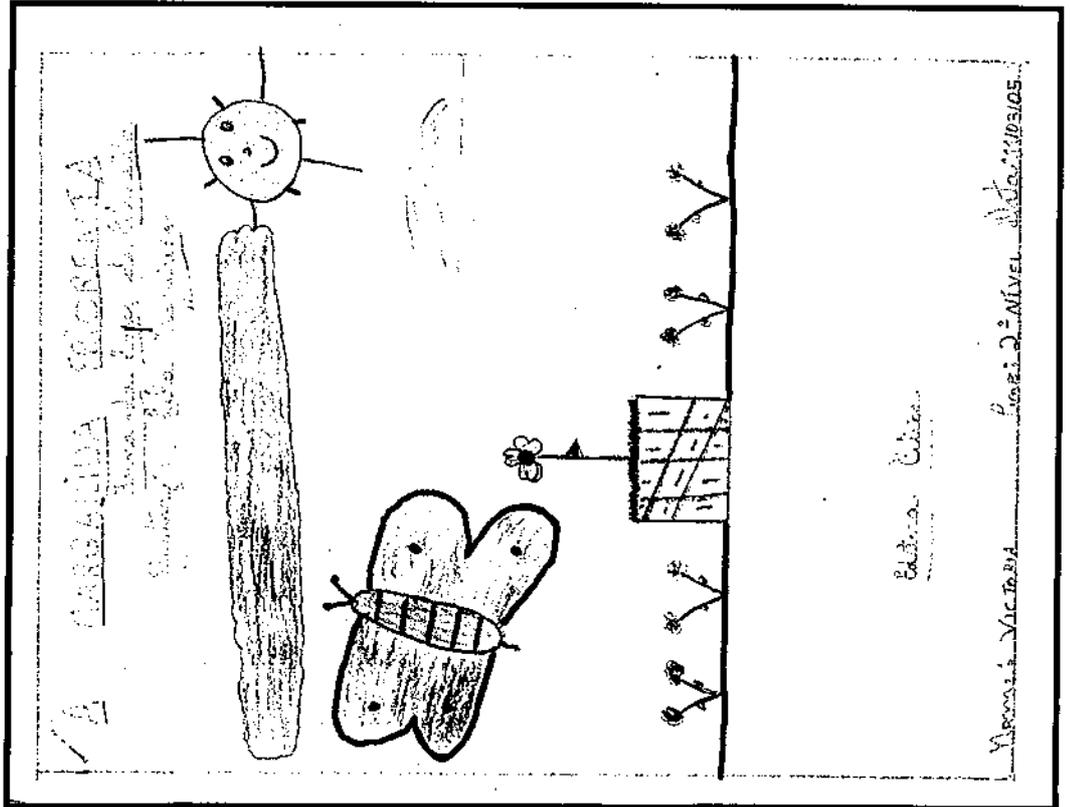
2. Escola B



Essa aluna se prendeu mais as falas do texto para fazer sua história em quadrinhos.

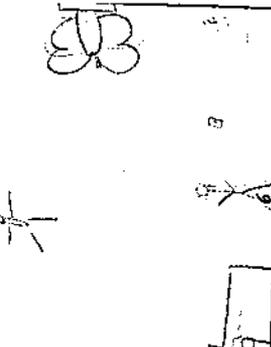
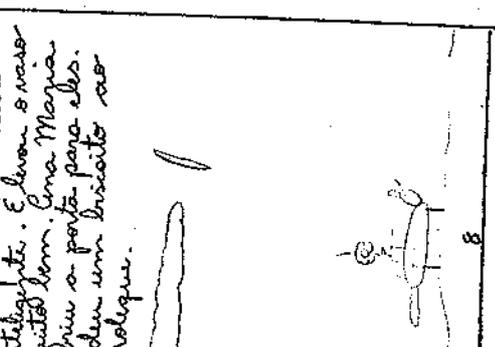
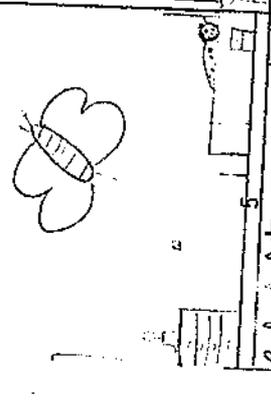
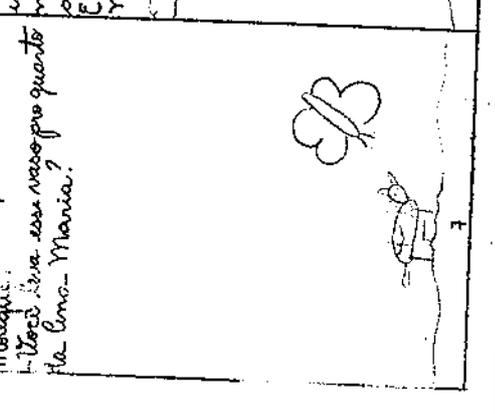
TRABALHANDO COM O LIVRO:
"A MARGARIDA FRIORENTA"

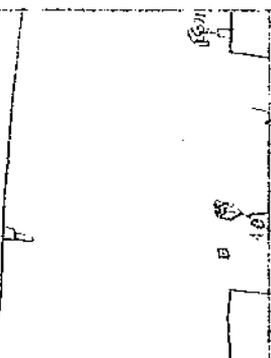
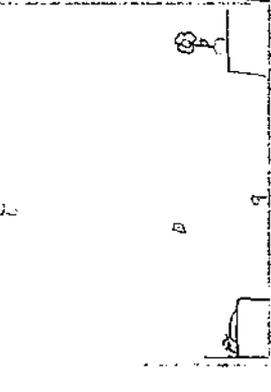
1. Escola A

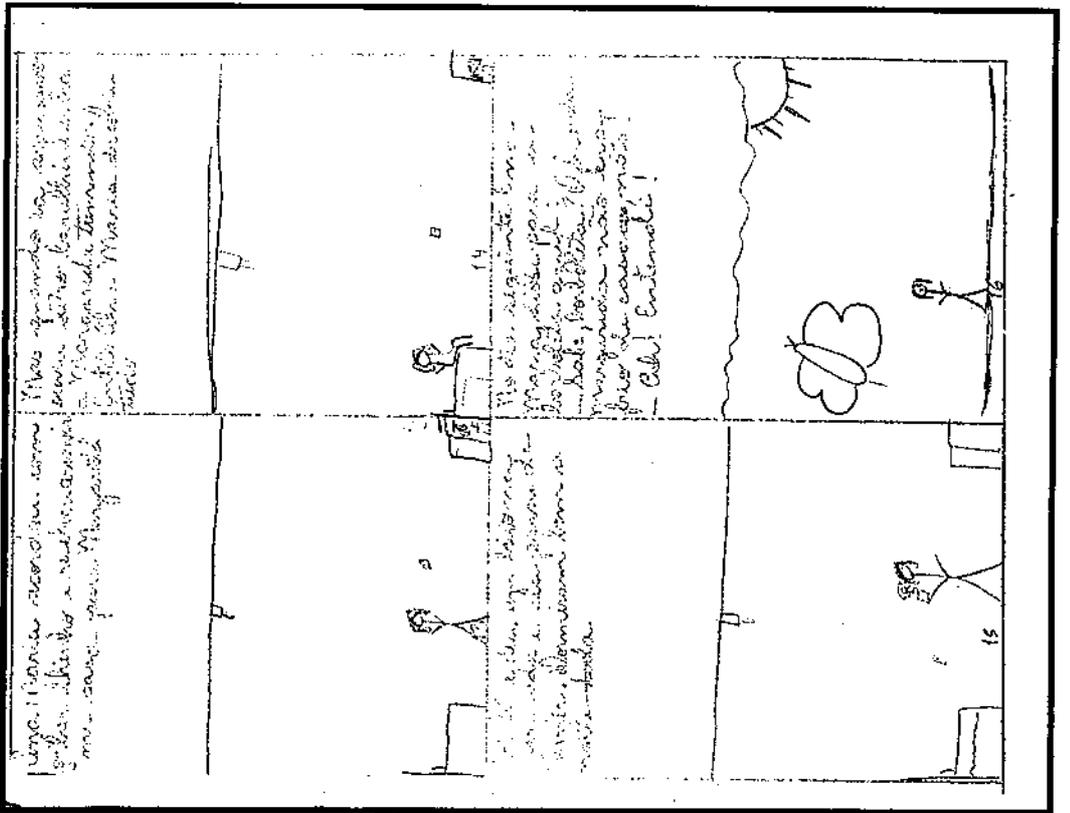


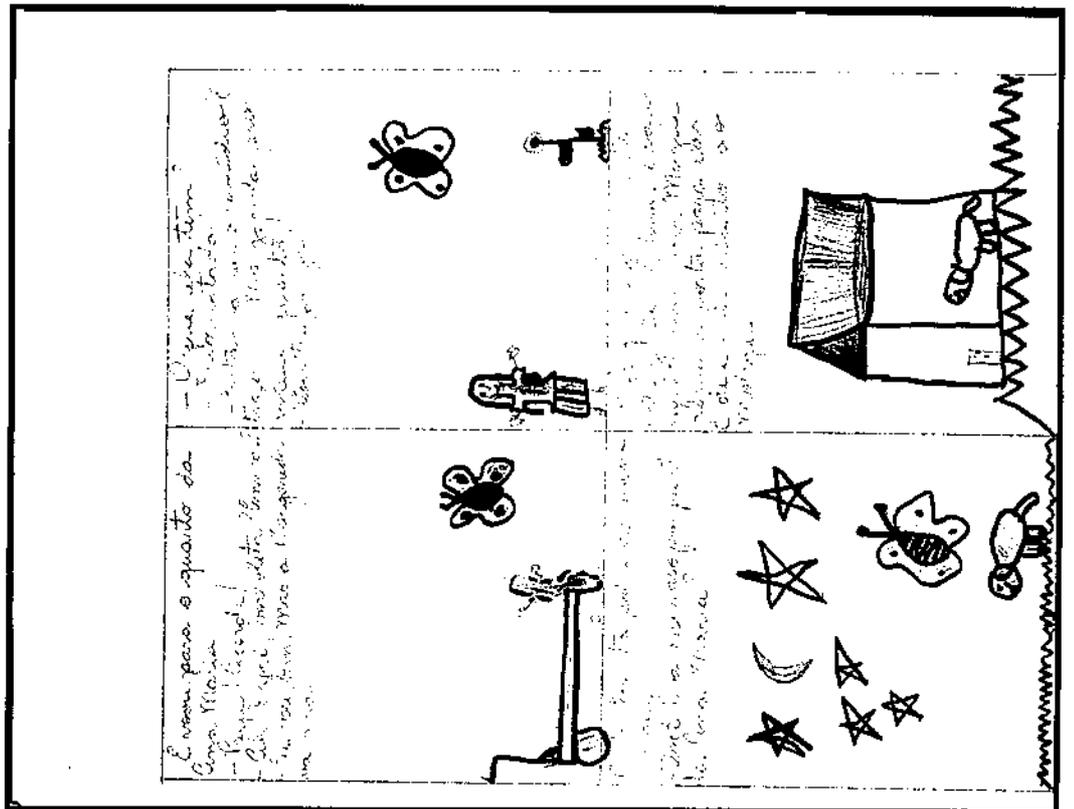
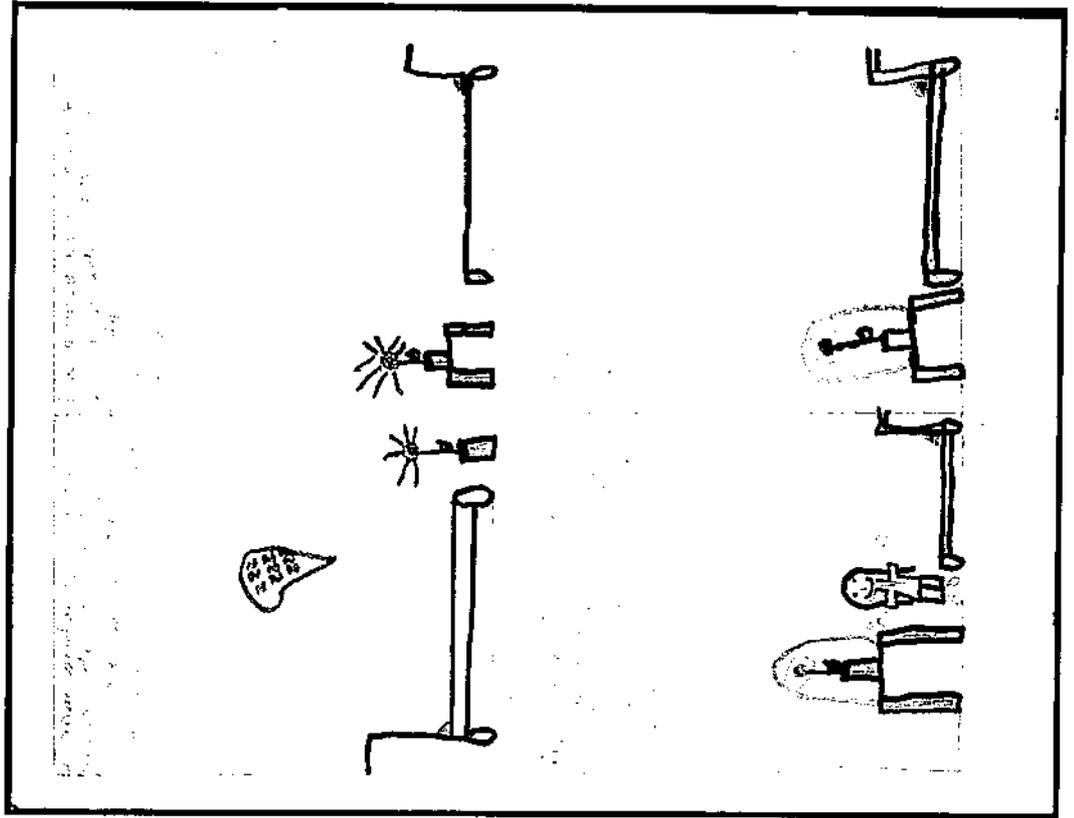
Margarida Friorenta
Livro: 2º Nível
1985

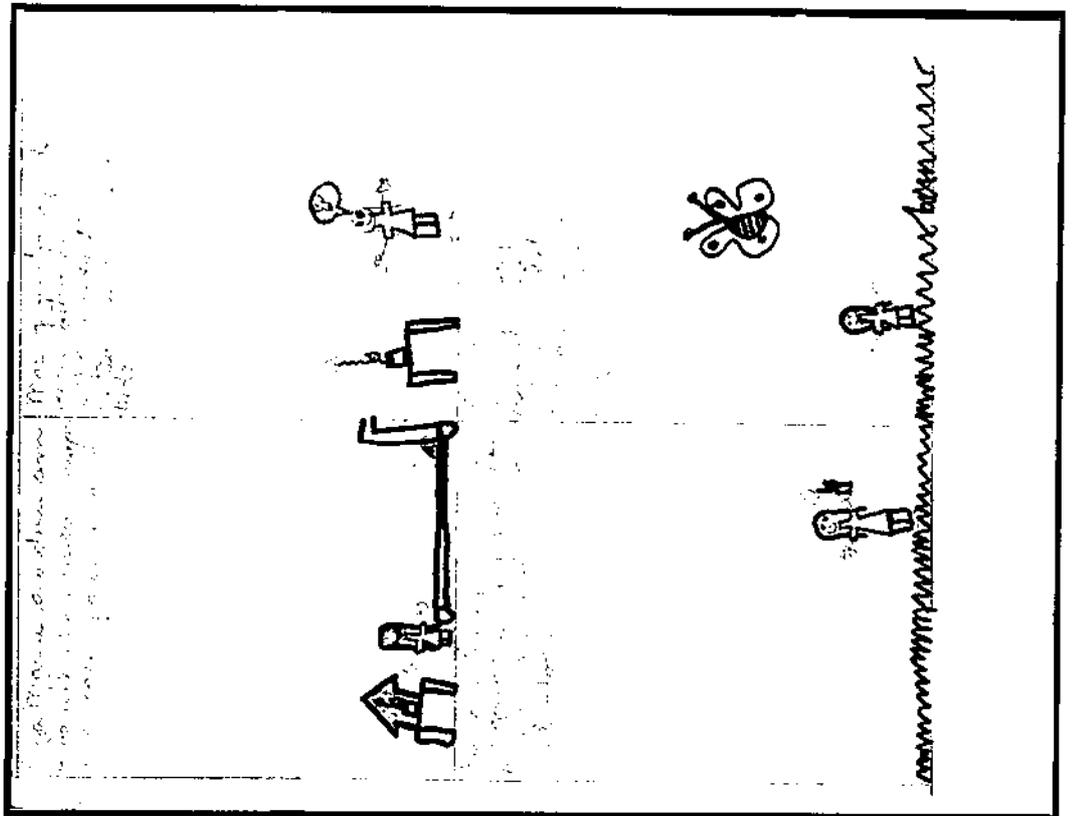
Escola: União

<p>— Vou para o quarto da Cipe, Maria — Pura! Corde! — Ah! É aqui, bobolota? Como vai? Mas a Margarida vai mal. — O que ela tem? — Está costada! — Então foi só o remédio? É — Vou trazer pra Margarida — Vou trazer pra!</p>		<p>Molique era muito inteligente. E viveu o vaso muito bem. Uma Maria abriu o porta para eles. E deu um biscoito ao Molique.</p> 
<p>— Vou para o quarto da Cipe, Maria — Pura! Corde! — Ah! É aqui, bobolota? Como vai? Mas a Margarida vai mal.</p>		<p>Molique era muito inteligente. E viveu o vaso muito bem. Uma Maria abriu o porta para eles. E deu um biscoito ao Molique.</p> 

<p>— Margarida ficou na casa da solteira. — Mãe, Maria se acabou? Vou viver com bandidos?</p>		<p>— Mãe, como sempre com os anjos, foi Maria. Ela se tornou bandida. Vou viver com bandidos? Vou viver com bandidos? Vou viver com bandidos?</p>
<p>— Margarida ficou na casa da solteira. — Mãe, Maria se acabou? Vou viver com bandidos?</p>		<p>— Mãe, como sempre com os anjos, foi Maria. Ela se tornou bandida. Vou viver com bandidos? Vou viver com bandidos? Vou viver com bandidos?</p>





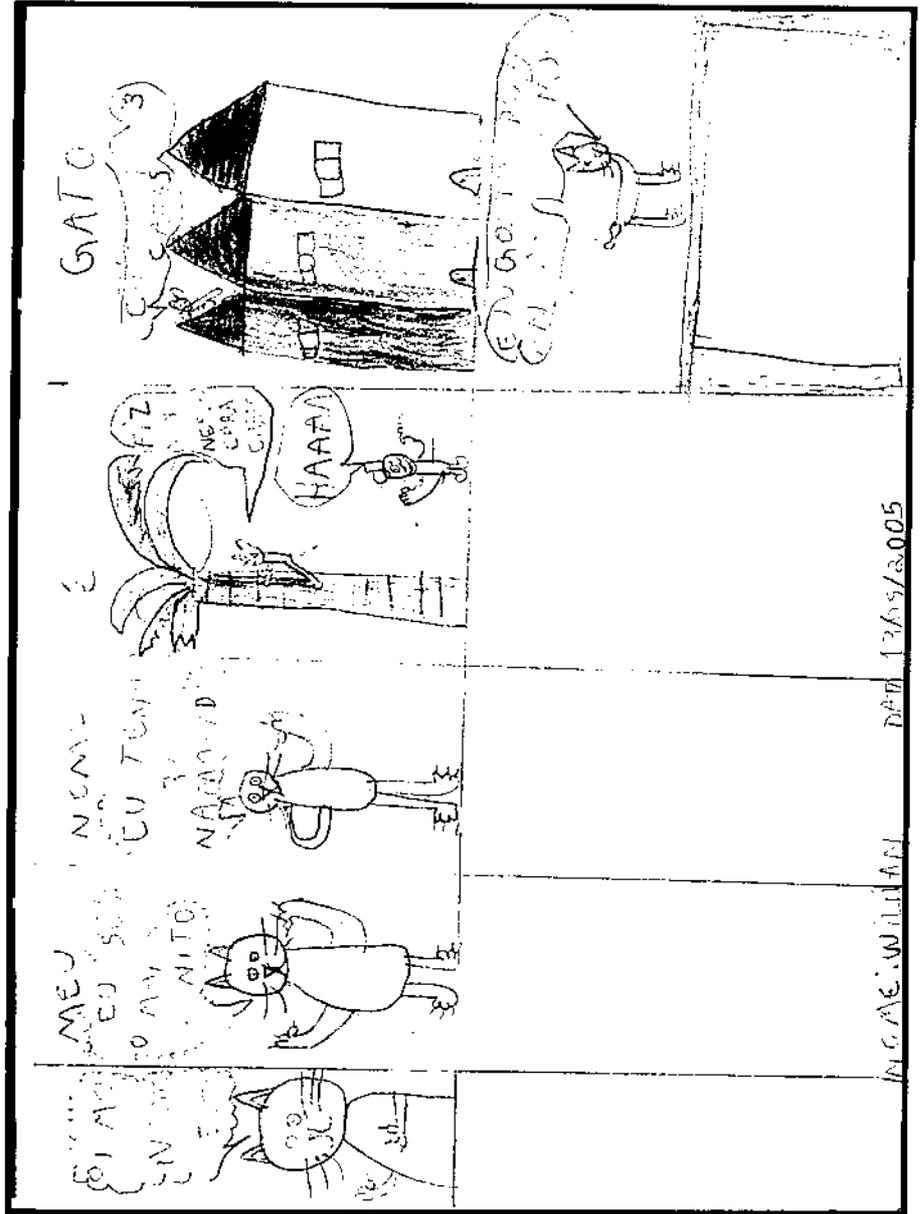


Handwritten notes in the top-left corner of the grid, possibly describing the path or the figures.

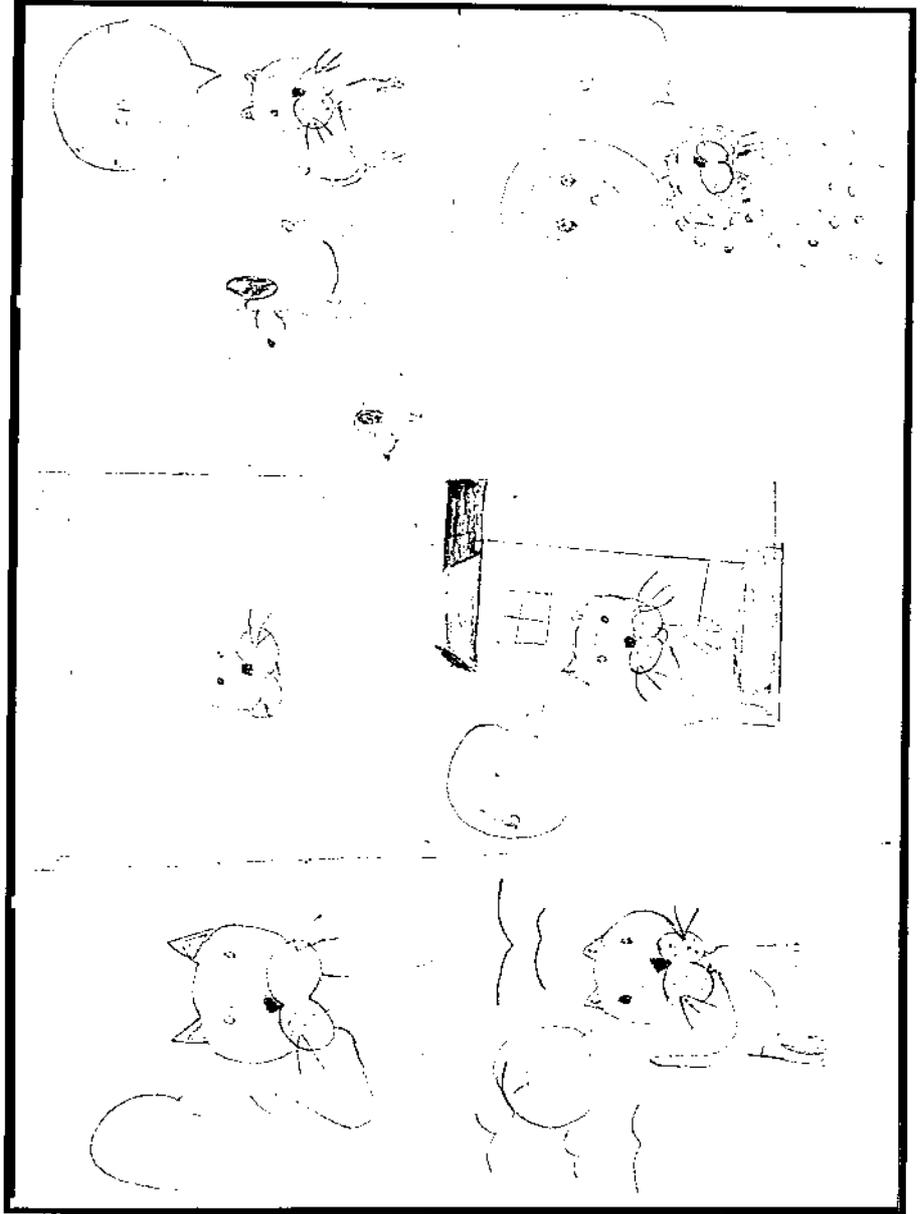
UNICAMP
 INSTITUTO DE FÍSICA

TRABALHANDO COM O LIVRO:
"MEU NOME É GATO"

1. Escola A



2. Escola B



TRABALHANDO COM O LIVRO:

“UMA FAMÍLIA PARECIDA COM A DA GENTE”

1. Escola A

EMEF Uale, Lenda
 nome: William e Gabriel
 data: 11/05/05

Uma família parecida com a da gente é a do Sr. João e a do Sr. Carlos. Para ajudar a entender o significado de família.

É a sua família? Com qual se parece? Em alguns casos, com a mãe, de sua mãe, com os seus irmãos, com a avó, com a avó, com a família.

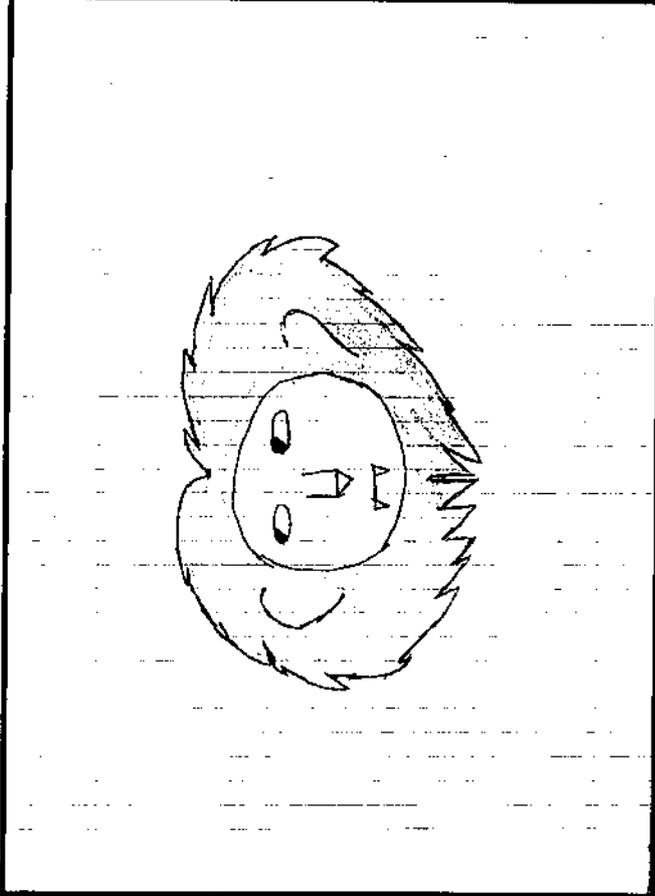
Minha família é parecida com a da mãe.

Porque é exatamente igual minha mãe e meu pai. Mas para trabalhar eu pago a minha e meu pai para escola.

Depois que acabo a aula eu vou para a casa da minha mãe e almoço e vou ver os meus irmãos e meus amigos. Vou brincar com eles.

TFIM

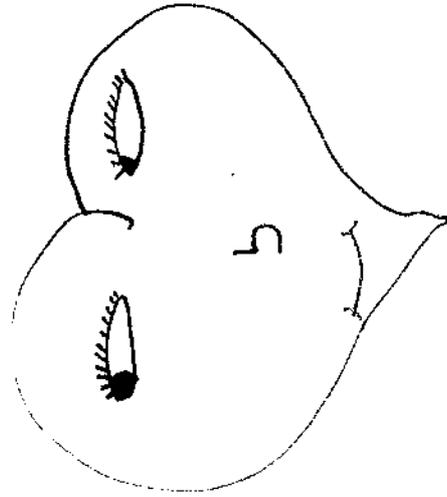
WILLIAM



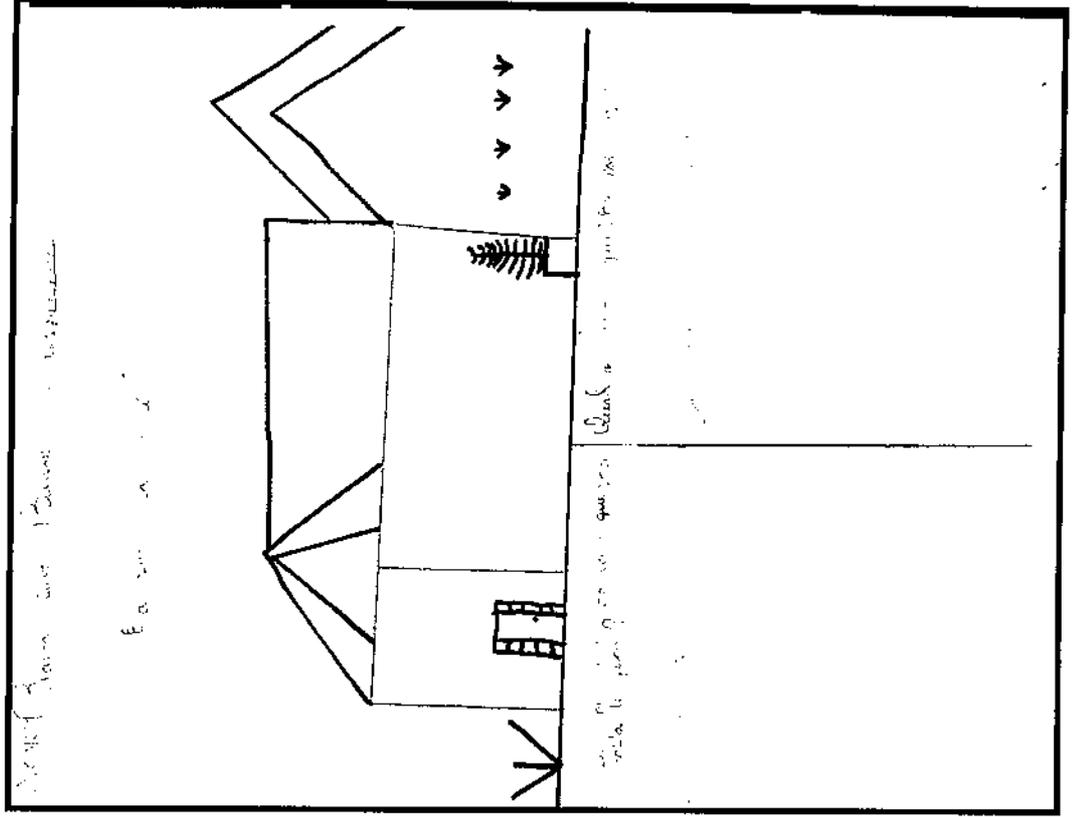
TRABALHANDO OS CONFLITOS
COLEÇÃO: "AS DIFERENÇAS"

2. Escola B

*Trabalhando
as diferenças*



Nome:



Na vida sempre há algo a aprender.

Uma coisa que aprendi na vida é que...

Quando eu desobediço...

Quando eu sou feliz...

Quando eu sou triste...

Quando eu sou apaixonado...

Quando eu sou sozinho...

Quando eu sou doente...

Quando eu sou saudável...

Quando eu sou velho...

Quando eu sou jovem...

Quando eu sou rico...

Quando eu sou pobre...

Quando eu sou famoso...

Quando eu sou desconhecido...

Quando eu sou feliz...

Quando eu sou triste...

Quando eu sou apaixonado...

Quando eu sou sozinho...

Quando eu sou doente...

Quando eu sou saudável...

Quando eu sou velho...

Quando eu sou jovem...

Quando eu sou rico...

Quando eu sou pobre...

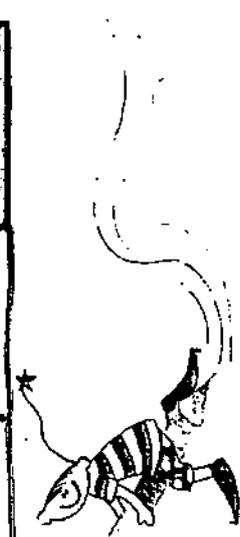
Quando eu sou famoso...

Quando eu sou desconhecido...

JOGO DAS CORES

Dê uma cor para cada sentimento.

AMOR	RAIVA	TRISTEZA
AMIZADE	SAUDADE	CIÚME
INVEJA	CARINHO	ALEGRIA



30

Você sabia que o coração também fala e que você pode ouvi-lo?

SENTIMENTO É A FALA DO CORAÇÃO

Vamos abrir essa porta e ouvir a voz do seu coração.

Levamos muito amor!

Se você quer mais amor, abra o seu coração para quem precisa dele. Não se feche para ninguém. Abra o seu coração para quem precisa dele.

Se você quer mais amor, abra o seu coração para quem precisa dele. Não se feche para ninguém. Abra o seu coração para quem precisa dele.

Quero estas lembranças no meu coração!

Quando eu esquecer disso!

de pessoas de quem
falei com a voz
do meu coração

Quando eu esquecer
de quem eu falei
com a voz
do meu coração

de alguma coisa de alguém
que eu gostei muito
e onde fui...

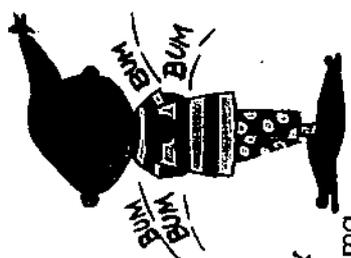
Quando eu esquecer
de quem eu falei
com a voz
do meu coração

Assinale as coisas que
seu coração mais fala.

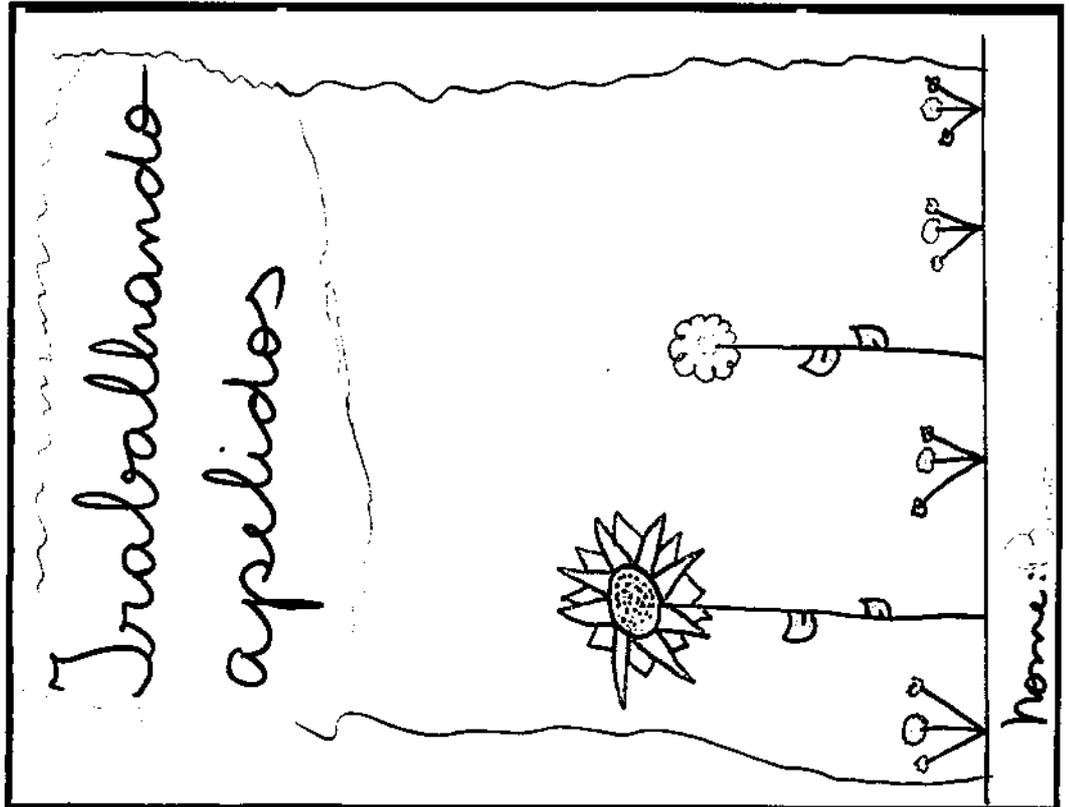
- Sou feliz.X
- Sinto-me sozinha.
- Eu me acho feio(a).
- Sinto vergonha de falar.X
- Acho que ninguém me ama.
- Eu me acho bonito(a).
- Sinto que as pessoas gostam de mim.X
- Sinto raiva.
- Ninguém me entende.X

Se tiver outras, escreva aqui.

?



**TRABALHANDO OS CONFLITOS:
COLEÇÃO: "APELIDOS"**



Nome: Bianca Silva Bastos. Voz at 20/12/2011...

Essas são e um nome!
Bianca Silva Bastos

E apelidos são?
De quem são os nomes?
Bianca, Bianca

Uau! Mas no meu caso são apelidos?
Bianca os nomes e os apelidos na foto!

Bianca	→ B	Bianca
Patricia	→ P	Patricia

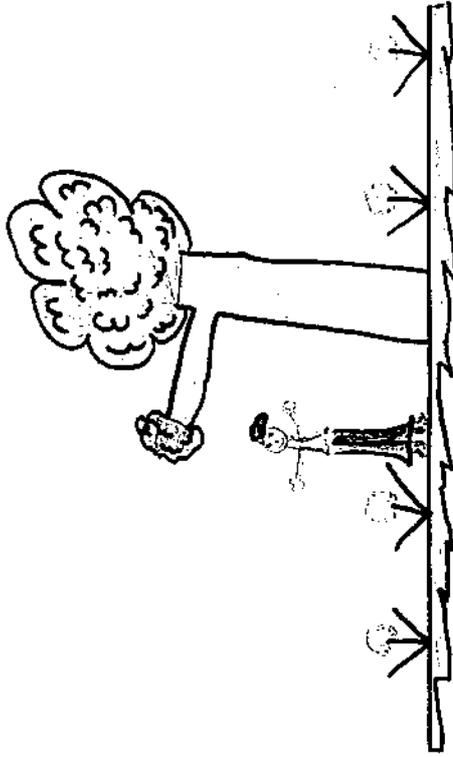
Comemos queijos e um leite no leite e leite
Cumpre de chamar de Bianca,

Colocamos e que não é nome!

Memorandum
Date: 12/1/2011

To: Mr. J. J. Jones
From: Mr. J. J. Jones

Subject: [Redacted]

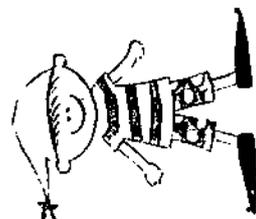


Approved: _____
Date: _____

(Please print name and title)
Mr. J. J. Jones
Mr. J. J. Jones
Mr. J. J. Jones
Mr. J. J. Jones

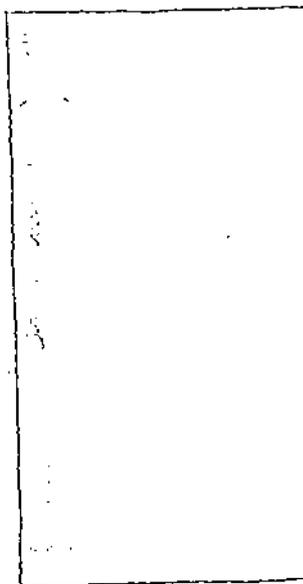
Mr. J. J. Jones
Mr. J. J. Jones

Mr. J. J. Jones



Meus amigos, eu não disse que
apelido era coisa séria?
Mas a gente pode mudar
as coisas, não é?

Escreva aqui o que você
gostaria de fazer em sua casa,
na escola e na sua rua
pra melhorar essa coisa de
zoar com os outros.

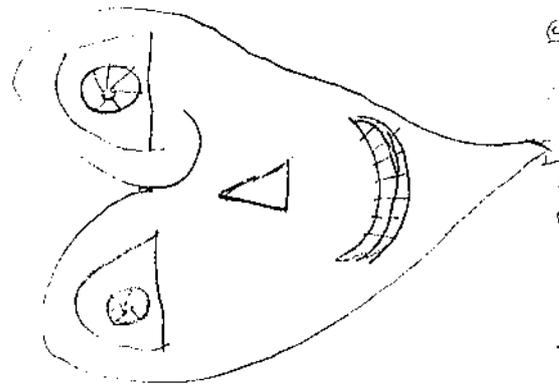


Até breve!

Um beijo,
TIM

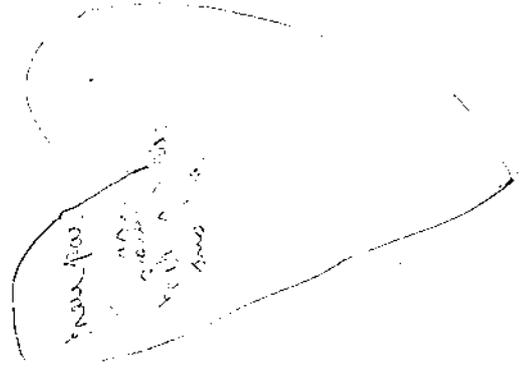
**TRABALHANDO OS CONFLITOS:
COLEÇÃO: "SENTIMENTOS"**

Trabalhando
sentimentos

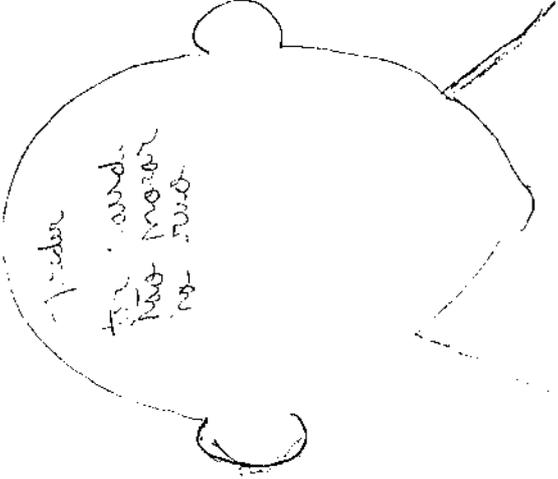


Nome: LAURILENE R.

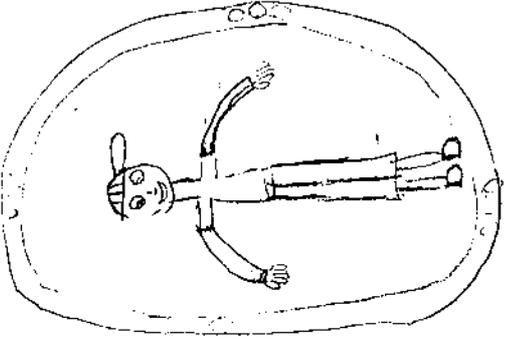
Nome: Lauri...
Tudo pod...
- É o lugar onde moramos e
nos...
Dizem...
do...
sua...



Meu pai
 Esta é a minha vida feliz
 É a melhor vida que eu já tive
 porque eu sou feliz e eu sou
 que eu posso fazer tudo aquilo que eu quero



Meu pai
 Esta é a minha vida feliz
 É a melhor vida que eu já tive
 porque eu sou feliz e eu sou
 que eu posso fazer tudo aquilo que eu quero



(Bom!) O que é o sentimento que mora no meu coração?
 Alguma sensação que mora no meu coração?
 (Bom!) O que é o sentimento que mora no meu coração?
 Alguma sensação que mora no meu coração?
 Amor / alegria / felicidade

Agora vamos brincar de identificar os sentimentos que moram no seu coração. Assinale com um X tudo o que você sente:

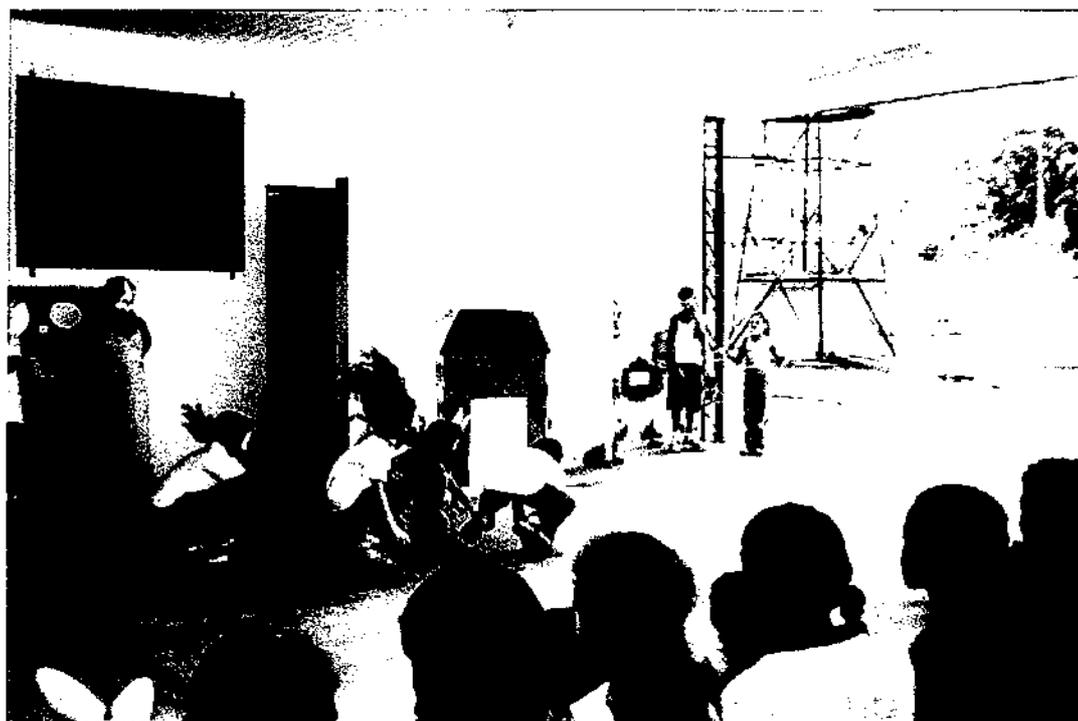
CARINHO	RAIVA	SOLIDÃO
DOR	INVEJA	ALEGRIA
CIÚME	PENA	FELICIDADE
	TRISTEZA	



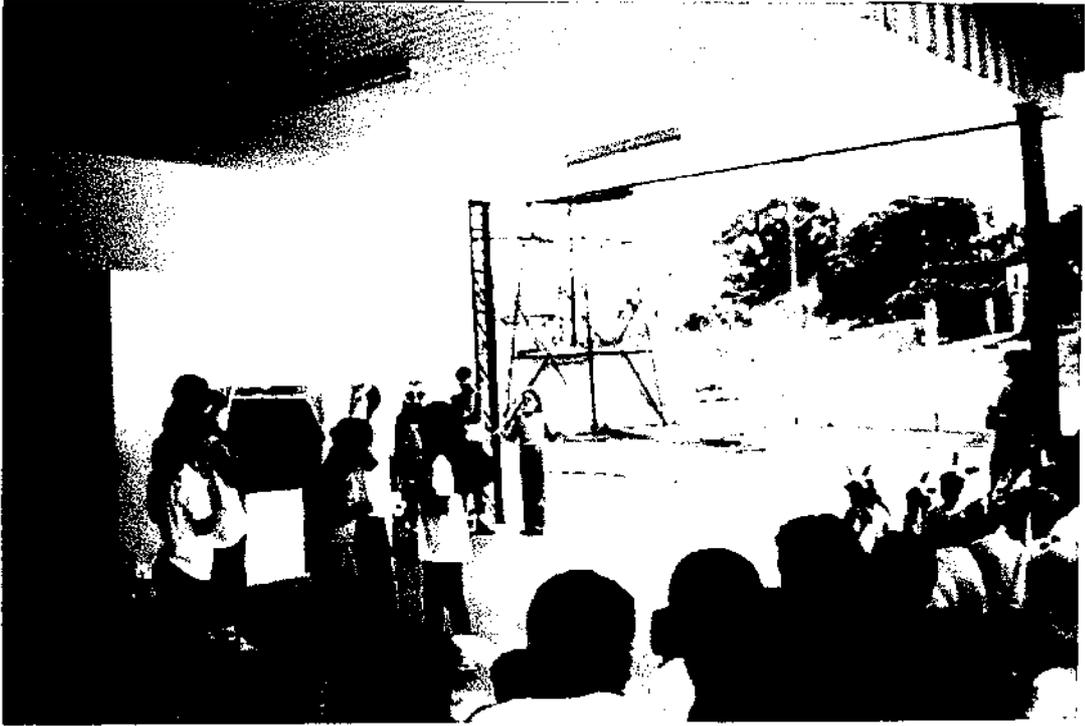
ANEXO 2 – FOTOS

TEATRO: “O COELHINHO QUE NÃO ERA DE PÁSCOA” RUTH ROCHA

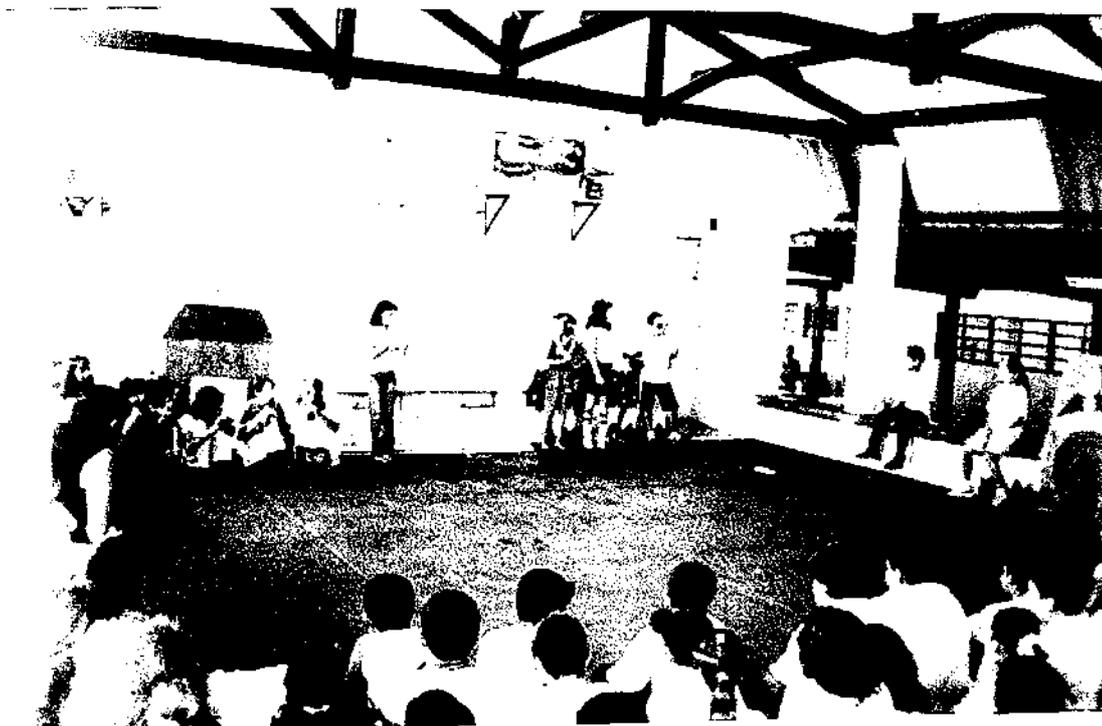
1. Escola A







2. Escola B







TEATRO: "A MARGARIDA FRIORENTA" FERNANDA LOPES DE ALMEIDA

1. Escola A

